ANO 31.º QUARTA-FEIRA, 29 DE AGOSTO DE 1951 N.º 10.325

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO

TELEFONES: 2 0271 2 0272 e 2 0273
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: *DIBOA*

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NUMERO AVULSO: 80 CENTAVOS

Ao pé dum túmulo

Estive, há dias, no cemitério de Montmartre, a fim de me abeirar do jazigo de Louis Jouvet, que repousa, para a morte eterna, sob altas e espessas camadas de flores que mãos piedosas renovam e acrescentam, diariamente.

Em França, há muitas maneiras de morrer, mas só uma verdadeira—a dos que a multidão amou e sagrou. Jouvet pertencia a uma raça eleita, pelo génio, pela sensibilidade e pelo seu raro poder de exprimir a alma insondável do tempo que caminha, com cada um de nós, cobrindo-se de mistério e de sombra.

O cemitério de Montmartre, de que o grande artista é hoje um dos príncipes do silêncio, dá-me a impressão de que não constitui para ninguém um lugar onde tudo ácaba, antes uma ponte para a imensidade. Os finados encontram-se nele simplesmente como os passageiros dum barco que corta as águas encapeladas dum mar tempestuoso.

Nos epitáfios dos tumulos enegrecidos pelos nevoeiros lêem-se os nomes das grandes familias da França e também os das celebridades que a sorte nimbou. Não tem poesia, pelo menos aquela poesia das campas humildes em que a vida se demora, como, na «Pieta» de Miguel Angelo, a dor se humaniza.

Os nossos cemitérios, em todo o Portugal, são vizinhos das nossas preces que nos vêm do coração, á maneira de expressões universais da esperança imortal.

Louis Jouvet não me deu a expressão de dormir um sono, mas de representar uma peça. Há mesmo pessoas que, a poder de o ouvirem no teatro, de o observarem no cinema, estão convencidas de que ele continua em cena, por detrás duma cortina de bruma. Os que o escutaram na «Ondina» de Jean Giraudoux escutam-lhe a voz, embevecidamente, quase na ilusão de que ele abriu um novo caminho, entre o ideal e o real.

—Não te vás embora, deixando-nos

JOAQUIM MANSO

(Continua na página central)

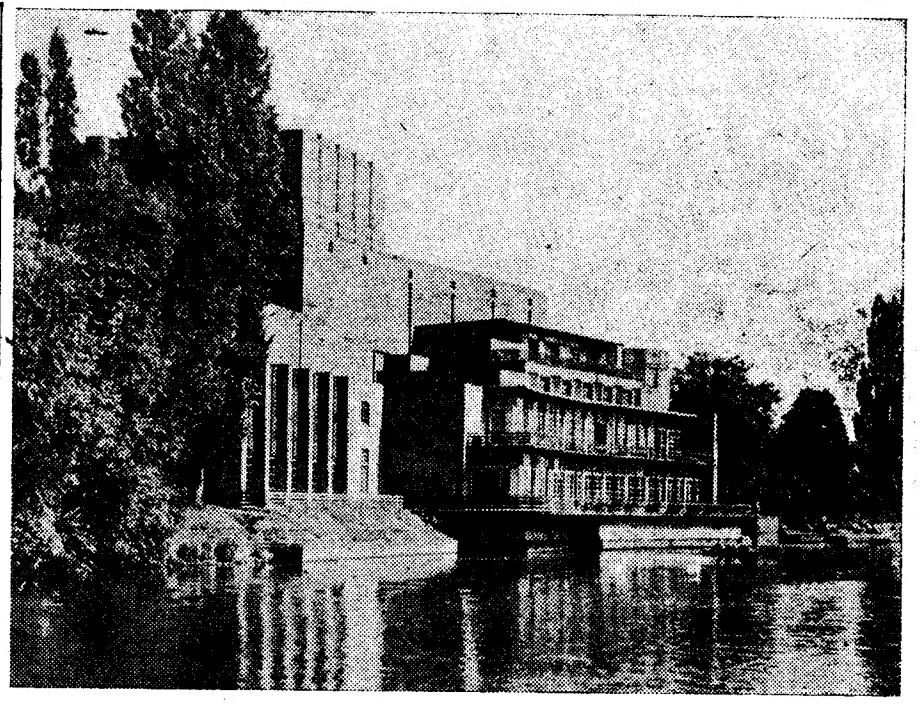
POLÍTICA FRANCESA

Os socialistas opõem-se à concessão de subsidios ao ensino particular

PARIS, 29—Começou ontem o debate parlamentar sobre o problema do ensino particular em França. Logo de início, os deputados socialistas mostraram estar dispostos a opor-se a qualquer alteração do estatuto em vigôr e á concessão de quaisquer subsidios ao ensino particular, por muito pequeno ou muito indirecto que seja. Os deputados socialistas rejeitam a proposta de concessão de subsidios apresentada por deputados de diversas orientações politicas e reprovam o projecto de lei apresentado pelo Governo com vista ao fomento da construção de edificios escolares e ao aumento das bolsas de estudo. O grupo socialista apresentou uma questão prévia que foi rejeitada, mas voltou á carga com o pedido de votação por escrutinio publico na tribuna, quer dizer uma votação em que se exige a presença do votante em pessoa. O escrutinio efectua-se hoje de manhã.

Entretanto, afigura-se provavel que o debate sobre a questão escolar seja interrompido para dar lugar á discussão dos problemas de politica exterior, nomeadamente dos que vão ser tratados nas próximas conferências a efectuar nos Estados Unidos. Robert Schuman deve partir para Washington e San Francisco dentro de poucos dias. Diversos deputados de vários grupos politicos tinham pedido que se travasse um debate sobre politica exterior antes do ministro seguir para os Estados Unidos. Foi apresentado um pedido de interpelação por Gaston Palewski, o mais directo colaborador do general De Gaulle e especialista de política internacional da União do Povo Francês. O pedido não foi aceite ao ser formulado, mas a Assembleia Nacional tomou ontem uma decisão importante sobre este assunto, embora na aparência não fizesse mais do que emitir um voto sobre uma questão de processo. Quando se chegou á altura de marcar a ordem do dia, o programa de trabalhos apresentado pela conferência dos presidentes de grupos politicos parlamentares foi rejeitado por 391 votos contra 221. Os presidentes terão de reunir hoje de manhã para elaborar novo programa de trabalhos parlamentares. A atitude tomada por grande parte da Assembleia manifesta como é grande a acuidade do momento politico internacional, e mostra que muitos deputados reagem contra a parte exclusiva que parece tomar o problema do ensino nas preocupações parlamentares. — (France Presse).

Este numero foi visado pela Comissão de Censura



O Shakespeare Memorial Theatre, em Stratford-on-Avon, é uma das mais grandiosas casas de espectáculo na Grã-Bretanha—verdadeira Meca do teatro, onde acodem peregrinos de todo o Mundo

A INGLATERRA DE ONTEM E DE HOJE

Dança-se o fado em Londres no teatro do Festival

com uma orquestra de 80 figuras

O horário da vida do cidadão britanico é árduo. Ás sete e meia estão algumas fábricas a trabalhar. Ás oito horas está tudo. Isto implica também alguns aspectos actuais do regime de austeridade, com remodelação profunda nos hábitos do povo, em consequência do que foi exigido durante os cinco anos de guerra: a partir das seis e meia da tarde, começam os jantares, ás dez e meia estão todos os espectáculos no fim, ás onze estão a apagar-se as grandes luzes da cidade, a população procura lugar nos colectivos para recolher a casa, meia hora depois acabam as carreiras do metropolitano. Isto é Londres. Onde vai a furia noctívaga do lisboeta que se sentiria burlado com um espectáculo que acabasse antes da meia-noite!

Não vá julgar-se, porém, que o Inglês se interessa pouco pelos espectáculos. Ao contrário, o teatro figura entre ás suas mais confessadas paixões e pode realmente ter-se por certo que o teatro inglês é hoje dos de mais alta categoria em todo o Mundo, nos sucessivos aspectos do numero deles que funcionam, do interesse e concorrência do publico, da classe dos intérpretes, da produção dos autores e das maravilhas de encenação. Num só dia, visto ao acaso, o cartaz dos espectáculos de Londres, segundo o registo do «Times», dá-nos seis espectáculos de ópera e «ballet», trinta e seis de teatro e catorze de cinemas de primeira categoria, não contando, evidentemente, os de bairro, alguns deles de proporções e arranjo equivalentes a alguns dos nossos mais categorizados. Tudo isto parece estar permanentemente cheio, as «bichas» formam-se todos os dias e, para algumas destas casas de espectáculo, especialmente as de teatro declamado, só com muitos dias de antecedência será possível pensar em arranjar algum bilhete. Para o caso especial do Shakespeare Memorial Theatre, de Stratford, em vez de muitos dias poderá pôr-se tranquilamente um semestre, pois a lotação permanece aflitivamente esgotada meses e meses seguidos. Poderá citar-se, em abono da verdade desta cerrada peregrinação, que recentemente uma excursão de americanos visitou especialmente a terra que foi berço do autor do «Hamlet», sem que nada deste Mundo tivesse podido satisfazer o seu desejo de ver alguma das sublimes tragédias representadas no seu santuário.

(Continua na página central)

UM RESUMO HISTÓRICO

Completou 4 séculos a Fábrica de Pólvora de Barcarena

Das pólvoras para a conquista da Índia aos artifícios militares do século XX

Dos estabelecimentos fabris do Estado, a Fábrica de Pólvora de Barcarena é, sem duvida, o mais antigo. Por isso mesmo, a sua vida é um rosário de esplendores e amarguras, por vezes ligada aos mais assinalados feitos que a História da nossa Pátria regista, dos quais desde já destacamos: India e Restauração.

A pólvora—o agente tão ávidamente procurado para as resoluções definitivas das guerras modernas— era, no tempo em que este estabelecimento foi criado, um indispensável e precioso elemento para Portugal, que tão empenhado andava na consolidação de todas as suas grandiosas conquistas.

Nem só glórias a fábrica tem conhecido, porque na adversidade experimentou, saques, incêndios e cobiças—sentiu fortemente o peso das grilhetas filipinas, a devastação das invasões francesas e o fragor das lutas civis—mas a tudo ela tem resistido e é hoje um padrão a atestar o temperamento e a energia dos Portugueses.

Não podia a fábrica de Barcarena deixar passar despercebida a hora em que Portugal reune todos os elementos que lhe deram alento e vibração, que lhe assistiram nos momentos dificeis e que o acompanharam nas jornadas de glória.

Contar um pouco da sua história, embora sumáriamente, é revivermos horas que muito retemperam o nosso ardor patriótico.

* * *

Foi D. Manuel I que estabeleceu as primeiras oficinas de pólvora em Barcarena destinadas ao abastecimento das grandes armadas empenhadas na conquista da India. A produção destas oficinas, quase totalmente absorvida no municiamento das armadas, não supria as necessidades do nosso Exército, visto que pelo alvará de 15 de Maio de 1574 foram incumbidos os capitães-mores de exigir dos soldados das companhias da ordenança terem sempre, á sua custa, pólvora e pelouro e de obrigar os artilheiros também a saber do mister de polvorista. Nesta época, chegou-se até a proibir o uso da pólvora nos fogos de ordenança e nas festas dos santos que se celebravam em Lisboa.

Segue-se o periodo da dominação filipina, em que os Portugueses conheceram as maiores misérias, vexames e perseguições, durante o qual não escapou á argucia dos dominadores o que de perigos era para a sua segurança a produção da pólvora. Cuidaram, portanto, de reduzir ao minimo as probabilidades de uma independência, ordenando a quase paralisação das oficinas de Barcarena. Para se apreciar a franca decadência a que neste periodo chegou o fabrico da pólvora basta dizer-se que os polvoristas em todo o País eram apenas três.

Com a restauração da independência de Portugal necessário se tornou impulsionar o fabrico da pólvora, a fim de abastecer não só os exércitos que na fronteira heroicamente continham as arremetidas tropas castelhanas, como também as tropas empenhadas na reconquista das nossas possessões da Ásia, da África e do Brasil, que tinham sido tomadas aos poucos por estrangeiros, e, assim, as oficinas de Barcarena retomaram a sua actividade.

O fraco desenvolvimento da produção muito onerava a Fazenda pelo facto de ter de importar grandes quantidades deste produto do estrangeiro, nomeadamente da Holanda, levando o Estado a contratar com vários individuos que

(Ccntinua na 3.ª pag.)

TRANSPORTADO POR AVIÃO DOS T. A. P.

O PORTO PELO TELEFONE

Congresso Internacional de Socorros Publicos

PORTO, 29.—Nos próximos dias 6 a 12 de Setembro, realiza-se em Cannes, França, um grande Congresso Internacional de Socorros Publicos, no qual Portugal foi oficialmente convidado a comparticipar. Além das sessões de trabalhos, haverá demonstrações de náufragios, salvamento de náufragos por equipas de nadadores especializados e simulacros de salvamento de electrocutados, asfixiados, etc.

No final do congresso realizar-se-á a grande final do 4.º percurso desportivo dos bombeiros franceses que se iniciou em Paris e cujas eliminatórias começaram a ser disputadas há três meses. Várias corporações de bombeiros no Norte de Portugal far-se-ão representar nestes importantes certames.

Falecimento

Na sua residência, Rua do General Torres, 965, Gaia, faleceu a sr.ª Azmay Dagge, de 84 anos, solteira, de nacionalidade britanica, proprietária. O funeral, a cargo do armador Alberto Xavier, efectua-se amanhã, ás 17 horas, para o cemitério britanico.

—Com 63 anos, faleceu o industrial Arnaldo Marques Jorge, casado, residente na Avenida Rodrigues de Freitas, 379. O funeral efectua-se amanhã, ás 16 e 30, para o cemitério do Prado do Repouso e está a cargo da Companhia Funerária.

O ministro do Interior

inaugura no dia 9, o novo hospital de Sangalhos

SANGALHOS, 28.—No dia 9 de Setembro próximo, vai ser inaugurado o novo hospital da Misericórdia de Sangalhos. Ás 13 horas, chegarão aqui o sr. arcebispo-bispo de Aveiro e o sr. governador-civil do distrito, aguardando-se, ás 14, a vinda do sr. ministro do Interior, acompanhado de um representante do sr. ministro das Obras Publicas e dos membros da comissão de Construções Hospitalares. Depois da benção do hospital, marcada para as 15 horas, o sr. dr. Trigo de Negreiros inaugurá-lo-á com uma sessão solene, seguindo-se, ás 16 e 30, o cortejo de oferendas. As cerimónias terminam com um banquete em honra das autoridades civis e eclesiásticas, para o qual as inscrições se encerram no dia 1 de Setembro.

Desordeiros reincidentes

FIGUEIRÓ DOS VINHOS, 28.—Acerca da notícia que publicámos, referente á prisão de uns indivíduos desordeiros, há a acrescentar que estes foram ontem entregues ao Tribunal, sendo-lhes arbitrada a fiança, que prestaram, de 10 mil escudos a cada um.

O guarda Luís Francisco, que por lapso omitimos, foi o primeiro a comparecer no local da desordem, conseguindo, a custo manter os díscolos em respeito.

AQUI OU ALI
CARIOQUINHA
PARA SI

Congresso Internacional do Tabaco

Partida do delegado português

No sud-expresse» partiu hoje para Paris, de onde segue para a Holanda, o sr. engenheiro José Luís Supico, secretário-geral da Companhia Portuguesa de Tabacos, delegado oficial de Portugal ao Congresso Mundial de Tabaco, que se realiza em Amesterdão, de 16 a 28 de Setembro, sob o patrocínio dos ministérios holandeses dos Negócios Estrangeiros e da Agricultura, Pesca e Abastecimento, e ao qual comparecerão representantes de trinta países e das Nações Unidas (F. A. O.).

O sr. engenheiro José Luís Supico, que se faz acompanhar de sua esposa, visitará também a Dinamarca, a Suécia e a Noruega, onde tratará de assuntos de interesse para a industria nacional do tabaco.

Na estação do Rossio compareceram a apresentar cumprimentos de despedida directores e funcionários superiores da Companhia Portuguesa de Tabacos e dos Tabacos de Portugal.

ESCUTISMO

Encerrou-se, em Santarém o II Campo Escola para Dirigentes levado a efeito pela Junta Central do Corpo Nacional de Escutas. Foi frequentado, durante oito dias, por numerosos dirigentes e aspirantes provenientes das diversas partes do continente e ilhas adjacentes e, no ultimo dia, houve uma cerimónia de encerramento, durante a qual o chefe nacional, sr D. José de Lencastre, entregou um diploma de frequência aos participantes. Foi também lida uma mensagem dirigida aos escutas de Portugal por «lady» Olave Baden-Powell, viuva do fundador do escutismo e chefe mundial das «guias».

PEQUENAS NOTICIAS

PELA POLICIA

UM CONTRA O OUTRO—Queixaram-se na P. S. P. Manuel Alves, casado, residente no Beco do Castelo, 11 e Manuel da Silva, de 36 anos, solteiro, pasteleiro, Rua dos Alamos, 19, acusando-se mutuamente de agressão á machadada e á pedrada, ficando feridos na cintura e na cabeça, respectivamente, pelo que foram tratados no hospital de S. José.

AGRESSÃO Á DENTADA — António de Sousa, de 29 anos, vendedor ambulante, residente em Sintra, Vila Marques, queixou-se á P. S. P. contra Agripino dos Santos, também vendedor, residente em Almada, Largo Mendes Pinto, 15, 2.º andar. Diz que ele o agrediu á dentada, causando-lhe um ferimento no braço esquerdo que foi tratado em S. José.

SOCIEDADE DESFEITA—Olinda de Carvalho, de 52 anos, viuva, moradora na Estrada da Circunvalação, 8, á Charneca, foi á P. S. P. queixar-se contra o homem com quem viveu maritalmente, Carlos da Cruz, de 35 anos, morador na Rua Lopes, 34, rés-do-chão, a quem acusa de, aproveitando a sua ida ás compras, lhe haver furtado todo o recheio da casa, que avaliou em cerca de 4.000$00.

DESASTRES

NUMA CAMIONETA — Numa camioneta em que trabalhava, deu uma queda Joaquim Santa Marta, de 56 anos, ajudante de condutor, morador na Travessa do Marquês de Sá da Bandeira, 12. Sofreu traumatismo craniano e deu entrada na sala de observações do hospital de S. José.

NUM MOINHO—Duarte Carvalho, de 35 anos, jornaleiro, residente em Meca, Alenquer, foi atingido por uma vara do moinho onde trabalhava. Sofreu fractura de uma perna e deu entrada no hospital de S. José.

IMPREVIDENCIA—Maria Manuel Mesquita, de 20 meses, moradora na Quinta da Corte Larga, 39-A, sofreu ingestão de comprimidos de beladona, que lhe foram ministrados por imprevidencia. Deu entrada no hospital de S. José.

QUEDA GRAVE — Esta tarde, na Cova da Piedade, quando o pedreiro José Maria Duarte, de 23 anos de idade, casado, residente em Almada, procedia á descarga de pedra, caiu e fracturou a perna esquerda. Ficou internado na clinica do sr. dr. Augusto de Melo, daquela localidade.

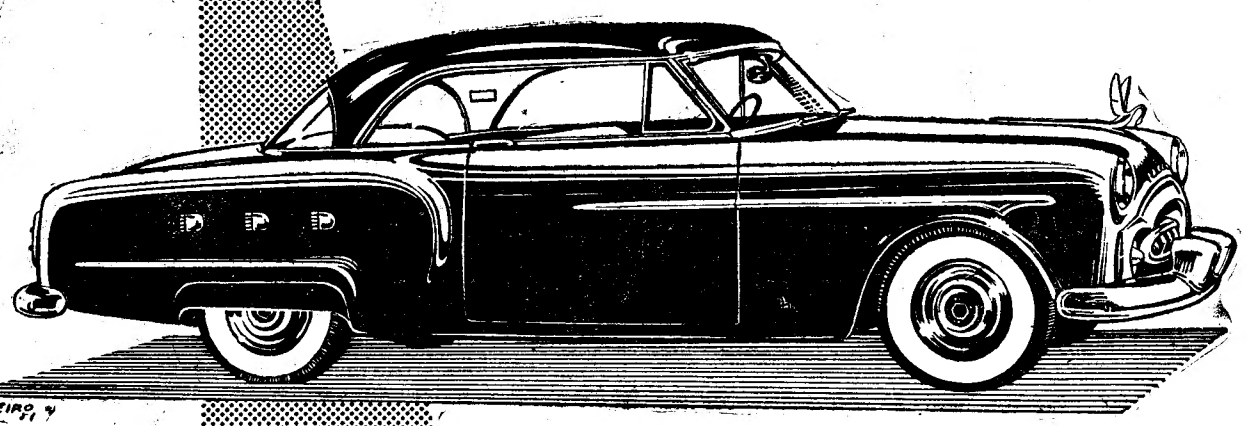
DESAPARECIDA

De casa de seus pais, Rua dos Quarteis, 91 r/c., desapareceu, na passada segunda-feira, Maria Julia Ferreira dos Santos, de 16 anos. Saiu com vestido verde de gola branca e sapatos azuis. Seus pais, aflitos, agradecem qualquer indicação do seu paradeiro para a morada acima indicada.

QUEM ACHOU?

Perdeu-se, na segunda-feira, um anel de ouro com um brilhante, recordação de família. Agradece-se, a quem o achou, o favor de o entregar na administração do «Diário de Lisboa».

Packard
Mayfair 1951
TUDO O QUE PODIA DESEJAR NUM AUTOMÓVEL...
AS LINHAS AERODINÂMICAS...
A VISIBILIDADE DO CONVERTÍVEL...
A SOLIDEZ DO CARRO FECHADO...



RIBEIRO

O FAMOSO MOTOR "THUNDERBOLT" E A TRANSMISSÃO AUTOMÁTICA
Ultramatic Drive

EM EXPOSIÇÃO
NOS CONCESSIONÁRIOS PARA O SUL DO PAÍS
MOCAR, LDA.
AVENIDA ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 19-A LISBOA

HOJE — HÁ UM PREPARADO ESPECIAL PARA OS HOMENS QUE SE BARBEIAM TODOS OS DIAS

Estudos médicos recentes mostram que o fazer a barba com frequência pode ser muito prejudicial para a pele, causando ardor e irritação.

Com o fim de ajudar os homens que se escanhoam diàriamente a resolver este problema, fabricámos o Glider, um creme de barbear rico, macio, que não precisa de pincel e contém um ingrediente especial que amacia a pele e permite que os seus adeptos se escanhoem tanto e tão frequentemente como desejarem, sem irritação!

O Glider usa-se por gosto, com facilidade e rapidez. Ao contrário dos cremes de barbear vulgares, é aplicado directamente, com as pontas dos dedos. Dispensa o uso do pincel. Basta lavar bem a cara, espalhar o Glider, e fazer a barba!

Se a sua situação social exigir que se barbeie todos os dias, comece a usar o Glider sem demora, amanhã. É o sistema mais moderno de fazer a barba!

Economise tempo e dinheiro comprando na **Sociedade de Tapeçarias, Lda.**—Rua Augusta, n.º 126-130
ESTOFADORES E DECORADORES
Telefone 26669

Os serviços prestados ao País *pela Fábrica de Pólvora* de Barcarena

(Continuação da 1.ª página)

se propuseram a fazer todo o fornecimento de pólvora de que o Estado carecesse, concedendo-se-lhes para esse fim o arrendamento das oficinas de Barcarena e as da Porta da Cruz.

Num destes primeiros contratos, feitos em 1 de Agosto de 1679, com Carlos de Sousa Azevedo, considerado um dos melhores polvoristas daquele tempo, obrigou-se este individuo a construir mais dois moinhos em Barcarena para o fabrico de pólvoras e a manufacturar 2.400 arrobas por ano.

Em novo contrato feito em 28 de Junho de 1887, foram concedidos ao mesmo Azevedo os edificios das ferrarias de Barcarena, mandadas também edificar por D. Manuel I, «por haver mais carência de pólvora do que de armas», com a expressa condição de nelas se adaptarem mais cinco moinhos e elevar a produção a 8.000 arrobas, a distribuir pelas seguintes repartições: 2.000 arrobas, ao Conselho de Fazenda; 1.200 arrobas, ao Conselho Ultramarino; 1.600 arrobas, á Junta do Comércio, ou Consulado; 3.200 arrobas, á Junta dos Três Estados.

As fraudes para com o Estado e a falta de cumprimento dos contratos levaram o Conselho da Fazenda, em seu despacho de 4 de Março de 1724, a ordenar que se pusessem editais para se proceder a nova arrematação, ordenando igualmente á Junta dos Três Estados que se procedesse á arrumação de contas com o arrendatário, ao tempo neto do primeiro e que usava o mesmo nome. Pelo inquérito efectuado á sua administração ficou claramente demonstrado o alcance feito ás referidas repartições, e o Conselho da Fazenda ordenou o sequestro das ferrarias de Barcarena.

Ao concurso para a nova arrematação das oficinas de pólvora de Barcarena e de Alcantara, feito em 22 de Outubro de 1725, compareceu António Cremer, comissário geral do Almoxarifado e ex-pagador das tropas holandesas ao serviço de Portugal, com o qual se contratou em 20 de Março de 1726 o exclusivo do fabrico de pólvora pelo espaço de quinze anos, sendo-lhe concedido o titulo de intendente da pólvora do reino.

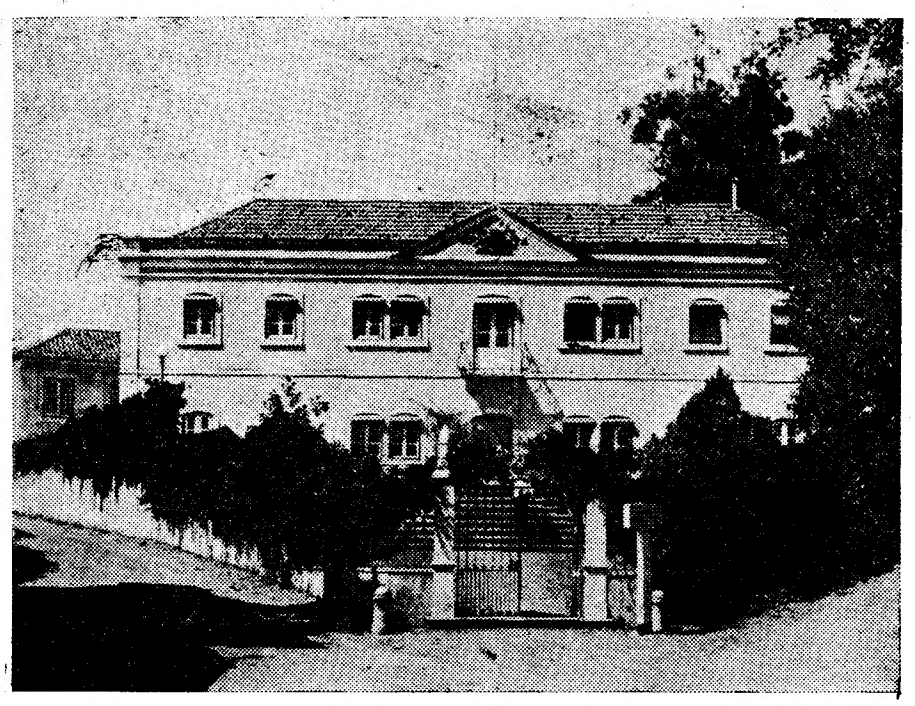
Cremer dotou a fábrica de Barcarena com edificios novos, substituiu o arcaico processo de fabrico com o sistema de pilões por galgas de pedra, que mandou vir da provincia de Namur, e introduziu o processo de experiências das pólvoras pelo morteiro-provete de régua dentada.

Aos bons resultados obtidos por Cremer, na constituição da pólvora e seu bom doseamento, refere-se Manuel de Azevedo Fortes, em 1729, no volume 2.º págs. 454, do «Engenheiro Português», nos seguintes termos: «Hoje se faz pólvora neste reino, a melhor de toda a Europa...».

Este contrato, que devia ter o seu termo em 1740, foi prorrogado até 1753, ano em que por decreto de 30 de Junho foi determinado que as fábricas passassem a ser dirigidas pela Junta dos Três Estados, «visto ser mais seguro para a conservação e defesa do reino que a fábrica da pólvora se administrasse por conta da Fazenda».

A grave explosão ocorrida no ano de 1774, que grandes danos ocasionou nos edificios da fábrica, levou o empreendedor ministro Martinho Nobre de Melo a visitá-la e, nesta visita, reconheceu a possibilidade de organizar um grande estabelecimento muito rendoso para o Estado. Ordenou rápidas providências no sentido de serem reparados os estragos, aumentando o numero de oficinas e dotando-a de muitos melhoramentos, cujo plano foi confiado ao experimentado artilheiro tenente-general Bartolomeu da Costa, intendente geral das fundições de artilharia e laboratórios de instrumentos béllicos, encarregado do governo do Arsenal Real do Exército, etc.

Bartolomeu da Costa, a quem coube a glória da fundição da estátua equestre de D. José I, introduziu novos processos no fabrico das pólvoras, aperfeiçoou os engenhos, substituindo o uso do ferro por bronze, mandou construir novos granizadores, caldeiras e reservatórios de água, numa palavra, activou num grande ritmo a laboração da fábrica de Barcarena, ao mesmo tempo que eram lançados pesados impostos á importação das pólvoras estrangeiras, nomeadamente nas nossas possessões, onde em larga escala eram introduzidas.



O edificio da sede da Fábrica de Pólvora de Barcarena

Por falecimento de Bartolomeu da Costa, ocorrido em Junho de 1801, foi a administração das fábricas de pólvora de Barcarena e Alcantara confiada, por decreto de 4 de Março de 1802, ao tenente-coronel de artilharia Carlos Napion, conhecedor dos processos do fabrico francês, que procedeu a rigorosos ensaios e obteve resultados muito lisonjeiros.

Porém, quando tudo havia a esperar deste hábil polvorista, deu-se uma terrivel explosão, em Agosto de 1805, em que pereceu o director, major do regimento de Artilharia de Estremoz, Leonardo Aleixo de Chalup, que Napion houvera proposto, e 30 operários. A causa desta funesta explosão foi logo atribuida aos novos processos de fabrico introduzidos por Napion, ao que a intriga deu foros de verdade, reforçada com o facto de nova explosão se ter dado em 5 de Outubro do mesmo ano, explosão que vitimou mais 9 operários, induzindo o Governo a não aceitar as novas sugestões de Napion no sentido de ser nomeado outro director, resultando deste facto, como é obvio, um relativo abandono do fabrico, que veio a paralisar quando da primeira invasão francesa.

Só em meados do ano de 1809 recomeçou a laboração da fábrica, sob a direcção do tenente-coronel de Artilharia Manuel Ribeiro de Araujo. No entanto, a produção de pólvora só se intensificou em 1815, depois de terminado o estado de guerra em que se achava Portugal, e toda a Europa, especialmente, pela necessidade de abastecer o Brasil, onde estava instalada a residência da Côrte.

Vem depois o periodo agitado das lutas politicas internas e em 1833 é restabelecido em Lisboa o regime constitucional, que promulgou uma nova organização administrativa do Arsenal Real do Exército, do qual foi desanexada a fábrica de Barcarena, que passou a trabalhar como repartição independente, sob a direcção do brigadeiro Pedro Celestino Soares.

Surge uma fase de desagregação da fábrica, imposta ainda pela guerra civil. O Exército contrário pôs sitio á capital, forçando o Governo a retirar da fábrica de Barcarena os maquinismos indispensáveis que foram transportados para a Cova da Moura, em Lisboa, onde se instalou provisóriamente uma fábrica de pólvora.

O assalto que as guerrilhas, durante o cerco de Lisboa, fizeram á fábrica de Barcarena causou-lhe grandes estragos, não só nos maquinismos donde foram retirados todos os bronzes, como também nos livros a valiosa documentação e objectos queimados uns destruidos outros. Estes danos começaram a ser reparados em Março de 1834 e em Outubro do mesmo ano já alguma pólvora se fabricava neste estabelecimento.

* * *

Em 1844 organiza-se uma poderosa companhia com o fim de obter do Estado o monopólio do fabrico dos tabacos, pólvoras e sabões. Este contrato levantou largas polémicas e reclamações do comércio e foi impugnado pelo ministro da Guerra na parte respeitante ás pólvoras, com o fundamento de que se não devia entregar nas mãos de particulares poderosissimos, que dispunham de avultados capitais, a segurança e a defesa do Estado e ainda porque era bastante lesivo para os interesses da fábrica o baixo preço por que fora dado o monopólio.

Sobre este magno assunto escreveu D. António de Melo Breyner, capitão do Corpo de Estado Maior, o seguinte: «Segundo a condição 67.ª devem ser entregues aos contratadores (máquinas, utensilios e edificios) com a obrigação de restituirem tudo no fim de doze anos, sem falta ou deterioração, salvo a procedente de incêndio, ou outro sinistro de força maior sem culpa da parte dos contratadores, e seus propostos. É evidente que nenhum estabelecimento está tão exposto a um destes sinistros, como as fábricas de pólvora, sem um cuidado extremo, e sem uma responsabilidade rigorosa que só o Governo pode impor a fazer efectiva, poderemos ver voar pelos ares aqueles belos estabelecimentos, reduzindo-se a cinzas um grande capital da Nação, dificilimo hoje de substituir sem os maiores sacrificios».

Este estado de coisas tão irregular não podia continuar sem grave prejuizo para o Estado, muito embora hoje se possa dizer que a História pretende em vão repetir-se, decidindo finalmente o Governo a rescindir o exclusivo da pólvora, que só fora dado em 1846, mandando de novo anexar a fábrica ao Arsenal do Exército, por decreto de 20 de Dezembro de 1849.

A partir desta data a fábrica de Barcarena entrou num periodo mais ou menos calmo, durante o qual se procurou nivelá-la, tanto quanto possivel, com a industria similar estrangeira, no sentido da sua produção satisfazer a todas as necessidades do nosso Exército e Marinha.

Com a revolução nacional de 28 de Maio de 1926, a fábrica de Barcarena não podia deixar de acusar a influência do movimento de renovação que se tem operado em todos os sectores da vida portuguesa. É extinto o Arsenal do Exército pelo decreto n.º 14.128 de 19-8-1927, concedendo-se autonomia administrativa aos estabelecimentos que dele faziam parte a partir de 1 de Julho de 1928.

A fábrica de Barcarena, só com os recursos próprios, isto é, sem o mais pequeno auxilio do orçamento geral do Estado, lança-se ousadamente no caminho de um vasto programa de reorganização fabril, que já hoje se impõe á consideração dos países mais industriais da Europa. A fábrica de Barcarena, com satisfação o dizemos, encontra-se preparada para cumprir a sua missão, se Portugal necessitar de mais uma vez consolidar a golpes de energia e de patriotismo os seculares alicerces da sua independência.

Este grandioso plano de ressurgimento industrial, justo é acentuá-lo, deve-se á grande competência técnica e á fulgurante inteligência do seu actual director, sr. coronel Mário da Silveira Guerra Freire Temudo, e aos distintos oficiais que na mesma fábrica com ele colaboram, srs. major Manuel Tiago Pereira Manjolinha e tenente Nuno Pereira da Cunha, todos muito honrando a arma de Artilharia a que pertencem.

H. DIDELET

DENGIVA

ANTI-ACIDA

NA PRAIA, NO CAMPO
OU NA CIDADE PEÇA

CARIOQUINHA

PARA FACILITAR A DIGESTÃO

Não há motivos para recear as indigestões ácidas, azias ou flatulência se tiver consigo algumas pastilhas Digestivas Rennie. Este remédio, de sabor agradável, contém uma bem proporcionada combinação de ingredientes capazes de neutralizar os excessos de ácido, absorver os gases e auxiliar a digestão, proporcionando alivios. Não precisa de água para as tomar — basta chupá-las como se fossem rebuçados. Toma-as a qualquer hora, seja onde for. São cómodas, agradáveis, um remédio ideal para as perturbações digestivas.

PASTILHAS Rennie

Peça Pastilhas Rennie na sua farmácia, pacotes a Esc. 1$00 e 5$00.

A' margem da semana

Nas Pedras Salgadas

É este já o quarto ano que temos vindo ás Pedras Salgadas e confessamos encontrar sempre o mesmo agrado neste clima delicioso, nestas águas excelentes. A gente nova, como é natural, prefere o mar, pois não tendo ainda, geralmente, os achaques que pedem cura termal, sente-se mais atraida pelo ambiente das praias, mais movimentado, mais vivo, mais desportivo. É verdade que á nossa chegada aqui encontrámos o hotel quase cheio de militares, que vieram ao concurso hipico, no campo das Romanas, o que durante alguns dias animou os hoteis e o Casino, que tem um óptimo edificio, mas quase sempre pouca concorrência.

Nesse concurso, segundo nos consta, nada faltou: óptimos cavaleiros, belos cavalos, uma queda aparatosa, mas, felizmente, sem consequências graves, e distribuição de lindas taças, no Casino, precedida de ceia á americana, terminando a festa ás três da manhã. Nós, a essas horas, já dormiamos tranquilo sono, aspirando pela janela aberta do quarto o ar puro da serra, o que é justo em quem busca especialmente repouso na serenidade reconfortante da natureza.

Este ano viemos encontrar um importante melhoramento na fachada do hotel Avelames. O pequeno terraço, que ficava sob o varandim que pertencia a um dos quartos principais,—a que chamavam o quarto do rei, porque nele dormiu el-rei D. Carlos, quando aqui esteve—foi transformado num largo terraço, com escadaria, onde se pode estar á-vontade, sob os grandes chapeus-toldos, de alegres riscas vermelhas e amarelas. De tal modo nos prendemos a coisas e hábitos que há quem tenha saudades do terracinho, cujos lugares eram tão apreciados, que nele se acumulavam seis e oito pessoas incomodamente, a conversar, e houve quem recusasse o quarto do rei, por lhe faltar o varandim suprimido pelas obras e substituido por uma janela de sacada.

A criatura humana é assim. É mesmo, *como dizem os brasileiros.*

Este ano, nas Pedras, há um encanto impagável. Por um favor do acaso ou da Providência—dizia Vitor Hugo que ela usa esse pseudónimo quando não quer assinar—reuniram-se aqui inumeras crianças, quase todas muito pequeninas; passam em bando, aproximando-se umas das outras pela natural atracção infantil. Há um certo João, de cabelos encaracolados e olhos vivos, rostinho expressivo, que cativa toda a gente, mas nem sempre aprecia essa impertinente popularidade e protesta com energia, mesmo que a manifestação seja de longe e discreta. Volta a cara e diz terminantemente:

—Não! Não!...

E colhe o efeito contrário ao que deseja. Torna-se cada dia mais conhecido e acarinhado. E sentimo-nos de antemão penalizados pela sua próxima partida.

Vão chegando, agora, neste meado de Agosto, os frequentadores fieis das Pedras, que bem merecem essa fidelidade, não só pela cura termal, mas pelo esplendor da natureza, lindissimos passeios, ar salubre da serra e repousante amenidade. Um desses antigos aquistas acaba de nos dizer:

—Considero este sítio o mais bonito do País.

M. C.

O FOGO NO «ANGOLA»

foi de limitadas proporções

Esa madrugada, pouco depois das 3 horas, declarou-se fogo num dos porões do navio «Angola», da Companhia Nacional de Navegação, que se encontra atracado ao cais do entreposto de Santa Apolónia. Compareceram no local os voluntários da 2.ª secção e Sapadores Bombeiros, os quais, dirigidos pelo chefe Gonçalves, iniciaram o ataque ao fogo, que lavrava entre fardos de algodão. Com o emprego duma agulheta de 70 milimetros dos serviços de bordo foi extinto o incêndio, entrando-se pouco depois no rescaldo.

O navio havia chegado no domingo ultimo, estando já retirada quase toda a carga, com excepção de 12 fardos de algodão, que arderam parcialmente. Foram todos retirados dos porões e colocados no cais. Os prejuizos são insignificantes.

D. Juan de mau gosto

a contas com a Polícia

ÉVORA, 28.—A Polícia desta cidade prendeu, há dias, o calceteiro João Inácio Murteira que, nos locais de maior movimento, abordava senhoras, ofendendo-as com palavras. Em socorro de uma das ofendidas, acorreu o sr. José Eliseu, conhecido pelo «José da Januária», que chegou a aparecer no noticiário dos jornais como autor da repugnante proeza, quando afinal, aquele antigo desportista figura no processo como testemunha de defesa da senhora ofendida. A César o que é de César...

TAUROMAQUIA

António dos Santos corta orelhas

VILA NUEVA DEL FRESNO, 29. — António dos Santos e Pepe Galhardo cortaram orelhas na lide e morte de seis touros de Albarran, com cinco anos e gordos.—(Efe).

Os Corpas não toureiam em Évora

ÉVORA, 29 — Não se realiza já, ao contrario do que fora anunciado, o festival taurino em que deveriam colaborar os «Niños Corpas», Paquito e Carlitos.—(C.).

HOJE
CARIOQUINHA
AMANHÃ
CARIOQUINHA

Teatros e Cinemas

"A Garça e a Serpente"

romance de Francisco Costa
filmado por Artur Duarte

Artur Duarte encontra-se em Lisboa e, desde que chegou, têm sido contraditórias e desnorteantes as notícias vindas a lume, acerca do seu próximo filme «A garça e a serpente», extraído do romance do mesmo título, de Francisco Costa, prémio Eça de Queirós, do S. N. I. em 1945, a que foi concedido um subsídio pelo Fundo do Cinema Nacional.

Resolvemos, portanto, ouvir Artur Duarte, como fonte donde a verdade nos poderia vir, sem o «manto diáfano da fantasia».

O realizador indiscutível dos maiores êxitos populares do cinema português nos ultimos anos —como testemunho bastará lembrar «A menina da rádio», «O Costa do Castelo», «O Leão da Estrela» e, ainda recentemente, «O grande Elias»—recebeu-nos de braços e coração abertos, como sempre, ali á Rua Rodrigues Sampaio, no seu gabinete, com Silva Tavares e António Vilar.

Começamos por perguntar-lhe o que havia de verdadeiro acerca do boato de adiamento, para melhor oportunidade, do filme «A garça e a serpente».

E Artur Duarte, indicando-nos as paredes do escritório, pejadas de «maquettes» dos «décors» e, entre eles, também já concluido, o gráfico do plano de trabalho, retorque-nos, prontamente:

—A resposta está ali! Como vê, tudo isto leva muito tempo a fazer e é a melhor prova de que estou na plena fase dos trabalhos preparatórios... a despeito de tudo quanto se diga!...

E, com certa mágoa, acrescenta:

—Eu não sei a que atribuir, com justiça, o motivo por que alguns jornais se têm feito eco do *dize tu direi eu*, a diário forjado em torno das mesas onde se bebe café e discute cinema... E não sei, por que seria facílimo, até pelo telefone, averiguarem de mim a verdade—que é apenas esta:—Desloquei-me da minha casa de Madrid a Lisboa, para a ultima arrancada da produção de «A garça e a serpente».

—E' muito trabalhoso o filme?

—Todos os filmes são trabalhosos—torna Artur Duarte—para os que, como eu, mais não são, nem querem ser, do que profissionais do cinema. Este, porém, absorve mais do que todos os que tenho realizado as minhas atenções, por tratar-se de um *caso sério*, sob todos os aspectos, em que o conflito merece extremos cuidados e a psicologia das personagens tem de ser defenida claramente.

ARTUR DUARTE

—Está, então, satisfeito por ir fazer um filme diferente de quantos até hoje tem feito?

—Mais do que satisfeito:—entusiasmado!

—Mas porquê tanta demora — inquirimos ainda — no começo da filmagem? Dificuldades —como se diz também—em conseguir a actuação de António Vilar?

Artur Duarte esboça um vago sorriso, que tanto pode ser de ironia como de complacência, e esclarece:

—O António Vilar é nosso associado na produção. Creio que dito isto, ficará compreendido que nenhuma dificuldade poderia opor-se á sua interpretação do protagonista, desde que o papel esteja de harmonia com a sua maneira de ser e a sua categoria artística. Quanto á demora no início da filmagem, o que há é que eu aprendi, na escola de muito bons mestres, que o êxito de um filme depende mais dos trabalhos de gabinete, do que propriamente dos que se levam a cabo nos estudios e nos exteriores. Os meus filmes—todos os meus colaboradores o sabem—já vão feitos no papel através de gráficos, quando me decido a entrar no *plateau*. Isto implica dobrado tempo do que é usual gastar-se na preparação dos nossos filmes, e é durante esse período que preciso de maior sossego de espírito e de menos preocupações.

E, como ponto final desta troca de impressões, Artur Duarte diz-nos ainda, na despedida:

—Os meus amigos, que tanto se interessam pela minha actividade, que descansem:—Não ficarão sem «A garça e a serpente», talvez mais cedo do que esperem. Só lhes peço que me deixem trabalhar em paz, sem me forçarem a perder tempo no desmentido de notícias cuja falsidade não aproveita a ninguém.

FATOS de BANHO
PARA SENHORA
Loja das América
RUA DO OURO 208 · LISBOA

Empregada

Precisa-se, para escritório, que escreva á máquina, com o mínimo de idade de 19 anos. Resposta a este jornal ao n.º 30.

COMÉRCIO COM A BÉLGICA

Com o objectivo de facilitar o abastecimento de mercadorias indispensáveis, nomeadamente de matérias primas e bem assim o escoamento daquelas que possam ser importadas, *a Associação Industrial Portuguesa e a Associação Industrial Portuense* criaram um serviço encarregado de recolher e organizar todos os elementos que possam permitir a sua util colaboração nas operações de comércio externo.

Convidam-se, pois, todos os interessados — industriais, sócios e não sócios, bem como os importadores de matérias primas—a enviarem as suas informações a qualquer das duas Associações, dando conhecimento das dificuldades encontradas na colocação e execução de encomendas, a fim de poder ser-lhes prestado todo o apoio, em colaboração com as entidades oficiais competentes, procurando assegurar o seu abastecimento e evitar, na medida do possivel, as dificuldades de laboração que possam afectar a estabilidade do trabalho e da produção.

Dadas as perspectivas do próximo inicio de negociações para a intensificação das relações comerciais com a BÉLGICA pede-se a todos os interessados que até ao dia 8 de Setembro nos informem das suas necessidades, dos contratos em curso e das previsões de novos contratos para o periodo de um ano, colocados ou a colocar nesse país.

Serão fornecidos nas sedes das duas Associações, Av. da Liberdade, 242, Lisboa, Telf. 49135, e Rua Mousinho da Silveira, 228, Porto, Telf. 28155, impressos que facilitarão a elaboração das informações pedidas.

Atrás do reposteiro

Rebelo de Almeida leu ontem uma peça da sua autoria aos Artistas Associados, para ser representada no Teatro Variedades.

—O maestro Jaime Mendes, que se encontra no Rio de Janeiro, vai ser contratado para a Rádio Nacional.

—Na sua digressão pelo Brasil, o Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra visitará as cidades de S Paulo, Campinas, Santos, Ribeirão Preto, Bauru, Botocatu, S. Carlos, Marilia, Belo Horizonte, Baía e Recife.

—A exploração do Teatro Variedades na próxima época de Inverno, será feita pelos actuais arrendatários, á sociedade artística que gira sob o nome de «Artistas Associados»

—O actor brasileiro Ruy Viana embarca no dia 3 para o Rio de Janeiro.

—A empresa do Teatro do Ginásio desistiu da sua anunciada digressão ao Porto, devendo efectuar a inauguração da época de Inverno no dia 1 de Outubro.

—Ainda não foi marcada a data certa do começo dos ensaios de poema da nova revista «Daqui ninguém me tira». No entanto, prosseguem os ensaios de coregrafia, pois a revista terá a sua estreia a 14 de Setembro.

—Entre o actor Henrique Santana e a Empresa Portuguesa de Espectáculos houve ontem uma conferência que se relaciona com a actividade artística da companhia de comédias de Vasco Santana.

—Amanhã e depois realiza espectáculos em Vila Flor, no distrito de Bragança, o Teatro do Povo.

—O Conselho Nacional de Teatro foi convocado para hoje, ás 17 e 30, a fim de deliberar, em definitivo, sobre a futura exploração do Ginásio e do Trindade dentro da nova lei do teatro.

O actor Robert Walker

morreu em Hollywood

HOLLYWOOD, 29.—O actor cinematográfico Robert Walker, de 32 anos, morreu a noite passada, na sua residência. A Polícia disse que médicos e uma brigada dos bombeiros tentaram fazê-lo reviver, depois de ter desmaiado. Não se soube ainda como morreu, mas um dos médicos disse ao juiz que fora de causa natural. Um dos seus ultimos filmes foi «Strangers on a train», um filme de mistério de Hitchcock Alguns dos filmes que lhe deram popularidade foram «Madame Curie», «The clock» e «Blue skies».

Foi casado duas vezes, primeiro com a actriz cinematográfica Jennifer Jones e depois com Bárbara Ford, filha do director cinematográfico John Ford. Ambos terminaram por divórcio.—(Reuter).

Primeiras exibições

«O leão de Damasco», no Capitólio

Paralelizando a escola neo-realista do cinema italiano, com a camara trabalhando ao ar livre, projecção franca de caracteres, independencia dos realizados aos convencionalismos do publico, e absoluta independencia para focar o bem e o mal de que, afinal, a vida é constituida —o estilo, se não romantico, pelo menos, teatral e aparatoso, tem tambem os seus cultores. Como especimen de valia foi, ontem, exibido, no Capitólio, «O leão de Damasco», obra movimentada, luxuosa, mesmo rica, de cenários majestosos, grandes massas, que, baseada num anovela de Emilio Salgari, reconstitui o poderio de Veneza, no sculo XV, quando os seus doges, quais outros reis, ainda dominavam as rotas marítimas e os grandes emporios levantinos. Em «O leão do Damasco», no qual abundam as peripécias novelescas, há duas passagens culminantes: o combate entre os venezianos e os turcos, e o assedio a Famagusta. Bons artistas, entre os quais contamos: Doris Duranti, Carlo Ninchi e Carla Candini. Nos complementos, vê-se, com muito agrado, um documentário sobre Lourenço Marques.—*Visor 42*.

Kenneth Winckles

De avião, regressou esta manhã a Londres o sr. Kenneth Winckles, um dos mais jovens e inteligentes directores da Organização J. Arthur Rank, que veio a Lisboa tratar de assuntos referentes á exploração do Cinema São Jorge. Apresentaram-lhe despedidas, no aeroporto, os srs. G. A. Foster e J. Ramalho, respectivamente, administrador e gerente daquela sala de espectáculos, bem como o nosso colega Augusto Fraga, que, durante a sua recente estadia na Inglaterra foi particularmente obsequiado pela Organização Rank.

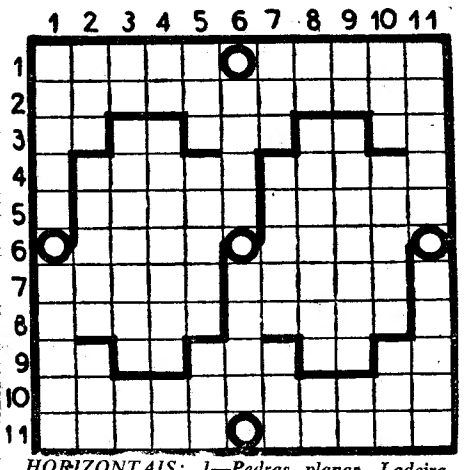
«Carga da Brigada Ligeira»

e «Escravo da Paixão», hoje, no Coliseu. Sensacional programa-duplo. Amanhã, em «matinée» e á noite, novo programa

Dois grandes filmes são hoje exibidos no Coliseu: «A Carga da Brigada Ligeira», com Errol Flyn e Olivia de Haviland, filme assombroso, que fica na história, e «Escravo da Paixão», hisfória famosa de um amor maldito, com Paul Henreid e Alexis Smith. Amanhã, em «matinée» e á noite: «Todos foram valentes» e «Passagem para Marselha».

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 3214



HORIZONTAIS: 1—Pedras planas. Ladeira. 2—Recolhidos. 3—Nociva. Entrega. Satélite da Terra. Apelido. Artigo (pl.). 4—Recebe. Criado. 5—Franquear. Procedias. 6—Partirás. Que coisa. 7—Risco. Colónia portuguesa da África Ocidental. 8—Circulos. Contornos. 9—Antes de Cristo. Artigo (pl.). Mirou. Carta de jogar. Pronome pessoal. 10—Traquinadas. 11—Entontecem. Acaricia.

VERTICAIS: 1—Sacerdotes budistas. Convivência. 2—Nome de letra. Capital do Egipto. Não cozinhado. 3—Neste instante. Duplicado. Aspecto. 4—Pertences. Cinges. Siga. 5—Malícia. Risadas. Chega. 6—Luz solar reflectida pela Lua. Cinzento-azulado. 7—Infusão de plantas. Pilhagem. Gasta. 8—Além. Contínua. Algum. 9—Idem (abrev.). Sectários do arianismo. Graceja. 10—Vai pelos ares. Auxiliar. Tanto (ant.). 11—Dificuldades. Previne.

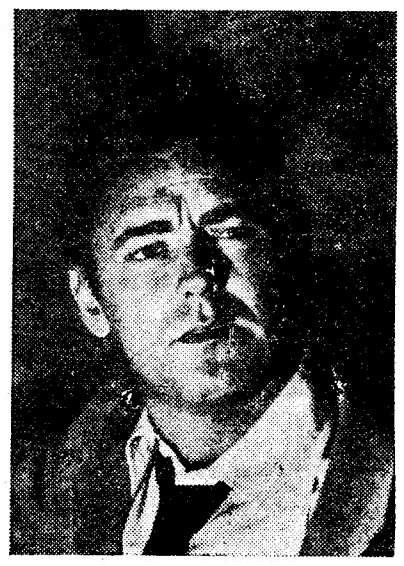
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 3213

HORIZONTAIS: 1—Atoleiros. 2—Saimel. 3—Proas. Salina. 4—Ar. Crês. Sever. 5—Ré. Acres. Saga. 6—Ata. Ortos. Sal. 7—Tiro. Oásis. Vi. 8—Onero. Sisa. Ás. 9—Sácaro. Aonde. 10—Ágapes. 11—Isolariam.

VERTICAIS: 1—Aparatoso. 2—Retina. 3—Troca. Arecas. 4—Os. Arco. Orago. 5—Lá. Serro. Oral. 6—Eis. Setas. Opa. 7—Imas. Sósia. Er. 8—Reles. Siso. Si. 9—Olivas. Santa. 10—Negava. 11—Paralisem.

MANUEL
Saíste dia 14, estou em cuidado.
Escreve:

CASACOS SOLTOS
PULL-OVERS
A maior colecção
TORRE EIFFEL
104 — RUA DO CARMO — 106



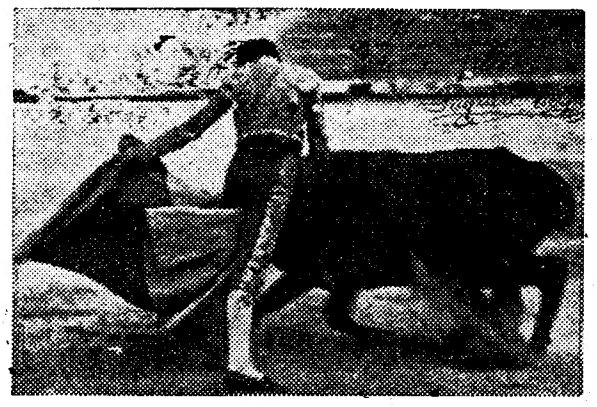
ALAN LADD
no magnifico filme
«SUPREMA DERROTA»
que o
EDEN
APRESENTA
SEXTA-FEIRA
Não deixe de ver este filme que é absolutamente real
ACÇÃO E TUDO DE QUE O PUBLICO GOSTA!
É um filme PARAMOUNT

EM QUALQUER MOMENTO
CARIOQUINHA
É DELICIOSA

Já estão à venda
os bilhetes para a grande nocturna de 6.ª feira, 31
Carlos Corpas e Paquito Corpas
e os distintos cavaleiros

Dr. Fernando Salgueiro e D. Francisco de Mascarenhas
todos com toiros de PINTO BARREIROS
a preços populares desde 10 escudos!
Pegas pelos forcados de **VIRGILIO GUERRA**, de SETÚBAL

Venda de bilhetes nos Restauradores, 7


A magnífica e finíssima «verónica» de PAQUITO CORPAS, de puro sabor belmontino

CRISTAL Ar condicionado Temperatura agradável O Dancing mais animado de Lisboa
EXITO CLAMOROSO DE
ELVIRA E HUMBERTO
UMA ATRACÇÃO NACIONAL DE CATEGORIA INTERNACIONAL QUE O PÚBLICO APLAUDE TODAS AS NOITES ENTUSIASTICAMENTE
E UM PROGRAMA DE VARIEDADES INTERNACIONAIS com
Carmen Rocio — Carmen Gimeno — Sara Bernal
Perla Levante — Margot Gallego — Herm. Roger
Mary Arilla e Pilar Bernal
COM AS ORQUESTRAS DE
ALBUQUERQUE e o seu conjunto COM OS AZES DO «JAZZ»
Mesquita-Vilaça-Machado e o cantor **Egas Moniz**
e **NIGHT AND DAY** com o cantor **Abreu Moreira**

MAXIME Admiravel ambiente, com ar condicionado
ÊXITOS EM PLENA SENSAÇÃO
A brilhante parelha **MARGA y FRANCIS** em maravilhosos bailados
A estatua de carne **IVONNE LAMARR** em bailes de fantasia
A brilhante vedeta **NICOLE SAMETZKY** em bailes clássicos
MARY SOL - TRIO ESPANHOL ARLEN DORIS, ESMERALDA DE LOS REYES, LOLITA CALVO, LOLITA VALADARES e ROSA MARFIL
Música pelas orquestras
TROPICAL-BOYS com o cantor **ARTUR RIBEIRO** e **VERA CRUZ** com o cantor **CASSAGNE**

OLIMPIA CLUB HOJE OUTRA NOITE DE SENSAÇÃO
Com a grande estreia de ontem **MARY CARLOTA**
incomparável bailarina pela primeira vez em Portugal
Num estupendo programa de atracções internacionais
MERCÉ — PILARIN MAY — ROSITA ARENAS
Carmen Ubilla — Lilian Nagy — Melita Martin
e a dinâmica **ORQUESTRA OLIMPIA** com o seu cantor GILL ROMERO

EDEN Telef. 20768 — A's 21,30
O empolgante filme **Capitão China**
uma vibrante interpretação de **John Paine** e **Gail Russell**
«Matinées» ás 15,30 e 18,15

ODEON A's 21 e 15
*
PALÁCIO A's 21 e 15
Belinda, a escrava do silêncio
A MASCARA DE DIMITRIOS

CAPITOLIO A's 21 e 30 Telef. 27493
O triunfal filme de rara beleza **O Leão de Damasco**
com **Doris Duranti, Carlo Ninchi** e milhares de figurantes

HOJE, às 21,15 **TERRAÇO** Preços populares
O maravilhoso filme de estreia: TERRA DE PROMISSÃO, com Marguerite Chapman e R. Paige; em reposição: **A filha do lavrador**, com Loretta Young

LIS Tel. 48560 A's 21 e 15
A história dos Miniver Fiesta

TERRASSE Tel. 20917 — A's 21
O LIBERTADOR Anna Karenina

TIVOLI Telef. 50595 A'S 21.30
O maravilhoso filme em tecnicolor **Quando o amor sorri**
com Betty Grable e Dan Dailey

TELEFONE 26305 **Politeama** HOJE ÁS 21.30
Espectáculo a favor do *Orfanato Escola Santa Isabel*
AMANHÃ: ESTREIA **Arriscada experiência**
com Alexander Knox e Ann Sothern

SÃO JORGE Plat. 54153 - Bal. 54154
SESSÕES ás 15-18-21.30
O GRANDIOSO FILME **Calúnia**
Um filme que faz vibrar os nervos com **Loretta Young**

Pavilhão Português Parque Mayer Às 21 e 30
O extraordinário filme **Os miseraveis**
PREÇOS: 2$50, 4$50, 6$00

REX Telef. 29656 A's 21 e 15
FABIOLA Fado Lisboa

CASINO ESTORIL A'S 21 e 30
O falsário
com **Burt Lancaster**

DESPORTOS

ÓQUEI EM PATINS

Vitória difícil do Sintra sobre o Oeiras por 4-3

Jogo em Oeiras, com boa assistência.

Os grupos formaram:

Oeiras—Serodio, Santos, Acurcio, Pinto, Vitorino e Catarino (6.º).

Sintra—Cipriano, Raio, Edgar, Pires, Lopes e Pereira (6.º).

Árbitro—Manuel Henriques.

Antes de principiar o jogo principal, foi lida, através dos alto-falantes colocados no rinque, uma exortação á equipa oeirense, tão abalada no seu conjunto com as recentes saídas de Martins e Joaquim Miguel, ambos internacionais, que partiram para África em exercício das suas ocupações profissionais. Pediu-se aos substitutos, em especial, e aos atletas do clube, na generalidade, que procurassem suprir com vontade e apêgo á luta a desvantagem técnica que ofereciam, de momento, ao adversário...

O certo é que, fosse por efeito do pedido, fosse por inspiração colectiva, o Oeiras se bateu com tal empenho que o Sintra oscilou sériamente e correu riscos de não conseguir melhor do que um empate, aliás, o desfecho mais de harmonia com o desenrolar da partida. De principio, ainda se esperou que os sintrenses encontrassem o fio da meada, entrando a carburar normalmente e conseguindo um triunfo que não seria surpresa para ninguém. Porém, quando aos 10 minutos o Oeiras fez 1-1, com Raio passado pelas costas e Cipriano em pé, na baliza, sem quase esboçar a defesa, sentiu-se que o Sintra não acusava só a oposição do adversário, mas também, e principalmente, se movia com dificuldade e lentidão, executando mal e combinando pior. E foi assim pelo tempo adiante. Jogadas de improviso, passes tortos, imprecisos, e nada de jogar bem. Edgar, num esforço, deu a Pires a oportunidade de fazer 2-1, iam decorridos 14 minutos; mas logo Raio foi ultrapassado por Vitorino, que novamente estabeleceu a igualdade. O defesa sintrense, sem tomar a iniciativa de entrar ao adversário, permitiu que ele se acercasse perigosamente a baliza e rematasse com exito, beneficiando ainda um pouco da má colocação de Cipriano. Com o empate, conseguido pela segunda vez, o Oeiras cresce mais e domina o adversário. Acurcio corta e serve os seus dianteiros, desembaraçando-se com facilidade dos atacantes sintrenses. E os dois novos, Pinto e Vitorino, são obstáculos sérios para Raio e Edgar. O Sintra procura em vão acertar o passo, quando um penalte lhe vem facilitar a missão, já no limite do tempo. Raio transforma-o e o intervalo chega, assim, com 3-2 para os visitantes.

Logo após o recomeço, o Oeiras tem um remate que embate na trave. E, poucos minutos so, quando um penalte repetido tambem não resulta. O Sintra reage a espaços, mas a melhor organização é dos visitados que, aos nove minutos empatam pela terceira vez, com um castigo máximo transformado por Acurcio. Raio e Edgar ensaiam fugas, quas esempre mal sucedidasi e nos contra-ataques estabelece-se o panico frente á baliza de Ciprano. Contudo, duas boas intervenções dêste salvam uma derrota que seria fatal se o Oeiras tomasse a djanteira. E é o Sintra, afinal, que ganha a partida, com um remate de Pereira, a passagem de Edgar, após uma descida iniciada pelo médio sintrense. O Oeiras, porém, não desarma, principalmente quando Pereira é suspenso por um minuto. Mas o Sintra agora está bem alerta e o «pássaro» já não lhe foge das mãos...

O triunfo dos sintrenses aceita-se como desfecho de jogo, mas não premeia a melhor equipa. O Oeiras não mereceu a derrota, mais pelo que fez do que pelo que não deixou fazer. O Sintra, em noite de fraca inspiração, foi muitas vezes inferior ao adversário. A arbitragem não esteve bem. Errou, com frequencia, no julgamento dos pés e na lei do benefício do infractor. Os juizes de baliza estiveram a «assistir»; e não se lembraram, por duas vezes, de que os golos têm de ser assinalados. É para isso, julgamos nós, que lhes pagam. E é tambem preciso que se compenetrem da responsabilidade do lugar que ocupam e das consequências que podem trazer as suas desatenções nos momentos de golo.

Em segundas e terceiras categorias as vitórias pertenceram ao Oeiras, por 4-3 e 3-1, respectivamente.—J. S.

FUTEBOL

Nas Salésias efectua-se hoje uma festa de homenagem ao jogador Moura

Adelino do Carmo Moura, jogador da melhor cepa belenense, conhecido pelo «Fixe», abandona o futebol, e uma comissão de amigos e sócios do clube promovem-lhe uma festa de homenagem, a qual se efectua hoje, nas Salésias, pelas 18 e 30.

Moura é uma figura muito curiosa, e o modelo perfeito do jogador util dentro do clube. De camaradagem excelente, conta em cada homem de Belém um amigo. Não sendo um elemento de excepcional classe, jogava com fibra e pundonor, cumprindo mesmo no grupo de honra ao fazer, como tantas vezes aconteceu, o lugar de defesa-central e defesa-direito.

Moura joga futebol há 14 anos, e consecutivamente no Belenenses há nove épocas. Na festa de hoje, o primeiro grupo do Belenenses integrado dos novos elementos defronta a Reserva, reforçada, estando em perspectiva um bom encontro e um acto de justiça a um jogador que sempre cumpriu o seu dever.

Moura, o «Fixe», abandona definitivamente o futebol e não mais praticará o jogo—a não ser que o seu clube precisasse novamente dele.

Um arbitro português para dirigir o encontro França B-Turquia

A Federação Francesa de Futebol, solicitou da sua congénere portuguesa que promovesse a indicação de três nomes de árbitros internacionais para serem submetidos á apreciação da federação turca, a fim de ser escolhido um que dirigirá o encontro França B-Turquia, a efectuar em Bordeus, no dia 1 de Novembro próximo.

A festa de homenagem a Carlos Canário

Os primeiros encontros da epoca efectuam-se no próximo domingo, na festa de homenagem ao internacional Carlos Canário, dedicado jogador do Sporting. Defrontam-se Benfica-Barreirense e Sporting-Belenenses.

Taça «Maia de Loureiro»

Nos domingos 9 e 16 de Setembro, realizam os jogos da Taça *Maia de Loureiro*, que antecedeu o inicio do Campeonato Nacional da 1.ª divisão.

No primeiro dia, jogam:

Benfica-Belenense e Sporting-F. C. Porto.

BASQUETEBOL

Um inquérito ao presidente da Federação

Por determinação superior, foi encarregado o inspector dos Desportos, sr. Ayala Boto, de proceder a um inquérito aos actos do presidente da Federação Portuguesa de Basquetebol, sr. Costa Pinheiro.

PUGILISMO

Em Campolide, na verbena do Cascalheira, na Rua do Arco de Carvalhão, efectua-se hoje, ás 21,45 horas, uma sessão de pugilismo amador; com 6 combates, em que tomam parte representantes do Lisboa Ginásio, Rio de Janeiro, D. Mouraria, Gloria A. C. e Andorinha F. C.

VARIEDADES Telefone 26037
«COMÉDIA» (Artistas Associados)
HOJE, às 21.45, mais um triunfo
O sorriso de Gioconda
Impressionante comédia inglesa de *Aldous Huxley*
com **Alma F.ora, Assis Pacheco e Benamor**
PREÇOS POPULARES

FOTOS "Aurea" UMA DEZENA-ESC. 10$00 Entrega Rápida R. DO OURO, 200

COMPLETE O SEU LANCHE COM CARIOQUINHA

OS DIAS PASSAM E O ENTUSIASMO NÃO ESMORECE
«Nunca ela esteve tão linda»
E' o murmurio que percorre a cidade de lés-a-lés, de amanhã á noite, nos electricos, nos autocarros nos combóios, nos taxis, constituindo o assunto do dia
A FEIRA POPULAR DE LISBOA
caiu no agrado de todos, e são os seus visitantes os melhores propagandistas do grandioso Luna Parque de Palhavã
Para todos os gostos — todos os paladares e temperamentos ali há de tudo em quantidade
NUNCA TÃO POUCOS FIZERAM A DELICIA DE TANTOS
Rotor (Poço centrifugo) continua a ser a atracção n.º 1. Uma fábrica permanente de gargalhadas. As cenas mais cómicas e imprevistas

O temperamento *dos Ingleses* visto através da sua compostura nos espectáculos públicos

(Continuação da 1.ª página)

Entre as três dezenas de teatros que funcionam em Londres, os de declamação ocupam um lugar de grande proeminência e, entre estes, pode citar-se o St. James's, onde o famoso par Lawrence Olivier-Vivien Leigh representa em dias alternados «Anthony e Cleópatra» e «César e Cleópatra», de Shakespeare e Bernard Shaw, autores que, de resto, se encontram também noutros palcos da cidade.

Ao alto nivel da representação corresponde o alto nivel de interesse do publico—e é justamente esta comunidade de objectivo e sentimento que justifica a maré alta de prestígio que o teatro britanico disfruta e o faz irradiar para todos os centros onde se busca ambiente de solução para a própria crise.

O teatro do Festival

O Royal Festival Hall é uma das melhores construções no recinto da exposição—e não admira que seja pois que se destina a sobreviver-lhe. Um concerto nocturno pela London Philarmonic Orchestra, com o maestro sir Adrian Boult, encheu a vasta sala de alto a baixo com uma atenta multidão, que não se move nem perturba, que segue com a mais respeitosa compreensão cada uma das peças que se executa. Não se julgue, porém, que o auditório seja de «snobs», nada disso. Pelo contrário, é evidentemente de interessados, onde não é difícil descobrir pessoas de todas as extracções sociais, mas a quem também irmanam o culto e gosto da musica.

Outra paixão dos Ingleses é o «ballet», arte de origem profundamente popular, como se deve entender, e que durante a guerra ganhou um ímpeto extraordinário, atraindo a si as simpatias das mais jovens camadas, que hoje lhe devotam todo o seu entusiasmo.

Não admira, por isso, que Londres tenha com frequência, ao mesmo tempo, vários espectáculos de «ballet». Ainda agora é possível assinalar: o «Ballet des Champs Elysées», de Paris, estava no Cambridge Theatre; o Golders Green anuncia um «ballet» com uma companhia de que fazem parte Marcova e Dollin; uma parte do grupo de Sadler's Wells tem estado no seu teatro, a alternar com ópera, devendo a companhia inteira estrear-se no Convent Garden na semana que vem; e o teatro do Festival tem uma companhia de «ballet» que inclui no seu repertório algumas das melhores peças clássicas, como a «Copelia» e «O Lago do Cisne».

Nessa noite, o grupo dirigido por Mona Ingleseby começou o seu programa com o «Capricho Espanhol», de Rimsky Korsakof, com a colaboração de Ochita e Luís Nieto nos dois ciganos. A ultima parte era formada pela «Gaité Parisienne», pitorescamente mimado, segundo a coregrafia de Massine, sobre musica de Offenbach. Entre uma e outra intercalara-se a peça nova, «For love or money», quatro cenas coregrafadas por Algeranoff, que também participa na movimentada e numerosa interpretação. O primeiro quadro passa-se num acampamento de ciganos, com um curioso tema musical graciosamente desenvolvido. No segundo quadro, localizado numa longa planicie propícia ao fenómeno da miragem, o compositor parece dar largas á sua inventiva, em agradável arranjo de sons. O terceiro quadro tem por cenário uma aldeia e, no ultimo, ao descobrir-se o santuário, consuma-se a grande cerimónia nupcial. A surpresa, para alguns Portugueses que por lá passem, consiste, porém, no terceiro quadro, cuja partitura é, de ponta a ponta, não se dirá um tema de fado, mas perfeitamente um fado conhecido, que o compositor Gilbert Vinter sentiu fácilmente integrável no ambiente cigano. Uma grande

O Tamisa tem o seu papel na vida e no cenário de Londres. E' sobre ele que se debruça o Festival, onde abundam os motivos marítimos, tão gravados na tradição britanica

orquestra sinfónica, com o maestro James Walker, pareceu perfeitamente á-vontade na interpretação da inesperada página portuguesa—que um grupo de Portugueses ouviu com um sorriso de surpresa em que talvez houvesse um pouco de estupefacção...

Quando o povo ri

Uma das virtudes do povo inglês é a perfeita consciência com que se adapta a cada situação: quando o Império, a partir porventura da guerra do Transvaal, começou a sentir abalarem-se os alicerces da magnifica grandeza vitoriana, o Inglês soube aprender a adaptar-se ás novas circunstancias até chegar ás realidades do presente, ás quais, como é justo que se reconheça, tem sabido corajosamente fazer face. Assim é na História, assim é no dia-a-dia. Este povo, que tão grave habitualmente se mostra aos olhos assomadiços dos meridionais, sabe rir, sabe divertir-se, sabe tirar partido, para seu conforto e prazer, de todas as possibilidades que a vida lhe oferece. Por isso, o espectáculo popular, ligeiro, que não faz pensar mas que pode prender os sentimentos, também o arrebata. Em Lincoln, pequena cidade dos Midlands, centro duma importante zona industrial, um teatrinho de dimensões reduzidas—género nosso Apolo—agitou-se de alto a baixo em sucessivas gargalhádas com a inesgotável fantasia dum cómico verdadeiramente extraordinário, que era um dos intérpretes duma revista e no dia seguinte, em plena rua, repetia as suas facécias para gáudio dos meninos que não frequentam espectáculos para gente crescida. Todas as reacções são a tempo e a propósito, perfeitamente esclarecidas e apropriadas.

Só na imaginação dos continentais é que o Inglês é frio e distante—para não se repetir o lugar-comum de lhe atribuir a adjectivação de fleugmático... Na verdade, ele é capaz de toda a gama de sentimentos, até ás mais arrebatadas paixões, apenas com a defesa, inerente ao seu temperamento, de ser racional ou veemente conforme está em presença de fenómenos a que melhor podem servir o cérebro ou o coração. É assim que o espectáculo desportivo o empolga, com o seu sentido de luta e o seu fim de competição. Os jogos de futebol, as corridas de cavalos e, desde há algum tempo, o «speedway»—prática em que os motociclistas, jovens profissionais, chegam a ganhar coisa parecida com quinhentos contos em temporadas de sete meses—são modalidades do espectáculo desportivo em que a multidão grita toda a medida do seu entusiasmo sem restrições.

É possível que a intensificação das comunicações e as multiplas modalidades do intercambio tenham podido contribuir para que a «Ilha» se torne acessível a influências de que, durante séculos, se manteve afastada. Hoje, há sintomas, pormenores de transformação, sinais de que a «Ilha» se deixa permeabilizar. Foi assim que Londres, há dois domingos, viu partir os ciclistas para a primeira Volta á Inglaterra, com «camisola amarela» e tudo, á moda continental...—J. R. S.

A poliomielite na Austria

VIENA, 29.—Morreram seis crianças vítimas da epidemia de poliomielite que grassa em Bruckan der Leitha, Baixa Austria, segundo informa o «Wiener Kurier», jornal das forças americanas na Austria. Outras 20 crianças deram entrada em hospitais da capital.—(E. P.).

O Arsenal de Ferrol *que é hoje o maior da Espanha* trabalha a pleno rendimento e está a construir 18 navios de guerra

FERROL DEL CAUDILLO, Agosto—Quando se atravessa esta paisagem surpreendente da Galiza e se chega a Ferrol del Caudillo, o encanto dos cenários em mutações sucessivas de verdadeira beleza, toma aspectos novos ao sentirmo-nos numa base militar—hoje o maior centro naval da Espanha. O seu nome de Ferrol—agora Ferrol del Caudillo, em homenagem a Franco aqui nascido—é, por si só, um símbolo perdurável da tradição naval deste país. Quando se fala de Ferrol, fala-se necessariamente da Marinha espanhola, como quando se fala de Portsmouth ou de Toulon, nos vem á memória as Armadas da Inglaterra e da França. Esta terra, onde uma parte apreciável da população é constituída por gente da Marinha—muitos milhares de homens—tem, de resto, um forte sabor marinheiro. *Respira-se Marinha* por toda a parte, desde os restaurantes e «bars», os primeiros com oficiais e os segundos com praças, até aos alfaiates, que quase só expõem fardamentos nas suas vitrinas e aos estudios de fotografia, cujas montras só nos apresentam gravuras de navios e retratos de gente da Marinha...

Ferrol centraliza dois aspectos fundamentais do poder naval da Espanha—a base da maior parte da sua esquadra e o seu maior e mais completo arsenal, de cujas carreiras sairam os melhores navios de guerra deste país.

De uma visita que hoje fizemos ao centro naval de Ferrol, depois de amavelmente recebidos pelo contra-almirante D. Jerónimo Bustamante, director do arsenal e capitão-general interino do Departamento, desde que o almirante D. Salvador Moreno foi chamado novamente a gerir a pasta da Marinha, colhemos impressões que transmitiremos ao leitor em dois breves artigos. Em um deles nos ocuparemos do Arsenal e da sua actividade; no outro, de uma visita á esquadra, aqui reunida por feliz coincidência a quando da nossa chegada.

Trataremos, no apontamento de hoje, do Arsenal, das suas possibilidades e da sua actividade.

Um grande arsenal

Ocupado com a presença em Ferrol de uma flotilha da Armada peruana, o almirante Bustamante depois de nos acolher cordialmente no seu gabinete de trabalho e em companhia do seu chefe de estado-maior, capitão-de mar-e-guerra D. Pablo Suances, designou para nos acompanhar, na visita que iamos fzer, o comandante do torpedeiro «Audaz», capitão-tenente D. Miguel Romero Moreno que foi, digamos antes de mais, de uma extrema amabilidade para connosco.

E principiou a visita pelo edifício da administração onde, depois de cumprimentarmos o director da empresa concessionária Bazan, eng.º D. Julio Murua, que designou, por sua vez, um dos seus vinte e dois engenheiros para nos dar esclarecimentos de ordem técnica, admirámos a magnífica maqueta do centro naval de Ferrol, mercê da qual se pode, sobre uma mesa, fazer ideia da extensão e da grandeza da organização fabril e militar em que nos encontramos.

E depois, de automóvel—porque de outra maneira seria necessário quase um dia inteiro—foi-nos dado admirar, através de arruamentos, cujo comprimento total soma dezenas de quilómetros, a sucessão de grandiosas oficinas, algumas com cento e cinquenta metros de extensão e nas quais a Espanha dispõe de tudo para construir grandes cruzadores ou pequenas lanchas-torpedeiras. Trabalham nesta verdadeira cidade industrial, nada menos de 7 000 operários de todas as especialidades. O apetrechamento mecanico é completo e a organica do serviço perfeita. Desde as caldeiras, as turbinas, os veios e os hélices a um simples «turco» para suspender embarcações, tudo se faz hoje em Espanha sem recorrer ao exterior. E, dessas coisas, a maior parte faz-se dentro deste próprio arsenal, sem ser preciso abrir concursos—sempre demorados—para comprar um acessório nesta ou naquela casa. O Arsenal de Ferrol tem uma independência industrial praticamente absoluta. Os canhões, de maior ou de menor calibre, não são feitos aqui, mas são construídos em Espanha e por operários espanhóis. Esta é uma grande realidade que dá a este país uma liberdade de acção muito de considerar.

Por cada grupo de oficinas depara-se com uma central eléctrica privativa que assegura sempre, em caso de emergência, o funcionamento normal e ininterrupto de toda esta maquinaria.

No caminho para a zona das carreiras de construção admirámos depois a vasta área que está já conquistada ás águas, para ampliação das instalações do Arsenal. Muitos milhões de metros cubicos de terra, encontram-se hoje onde ainda há quatro ou cinco anos só havia o vasto lençol líquido desta ria de Ferrol. Este é um trabalho de engenharia de grande vulto. Já se recortam novos cais acostáveis, para navios em acabamento de construção, uma nova e ampla doca molhada, bem como novos diques. Para se fazer uma ideia da extensão dos trabalhos em curso acelerado, bastará dizer que a chamada zona nova tem uma superfície maior do que a actual. A par de tudo isto criar-se-á uma outra zona de carreiras de construção por forma a que mais navios de guerra e mercantes se possam construir simultaneamente.

Navios em construção

O Arsenal de Ferrol está em plena e intensa laboração, para corresponder aos anseios da Espanha de aumentar o seu poder naval. Sente-se que se trabalha com entusiasmo e que se quer ir mais além. O espírito naval mantém-se bem vivo neste país. Quando o carro que nos conduzia passou junto de um pequeno plano inclinado, que se esgueirava para a ria, entre duas oficinas, deparámos com o cavername de um velho torpedeiro em fase de desmantelamento. E soubemos então que eram os restos de um navio que simbolizou a alma marinheira da Espanha— eram as derradeiras balizas e a quilha do «Ceuta», um dos dois contratorpedeiros que o comandante marquês de Viana adquiriu, com a sua fortuna pessoal, aos italianos, nos primeiros tempos da guerra civil de Espanha, para reforçar a esquadra de Franco. E' um episódio invulgar, este de um homem adquirir, não um iate de recreio, mas dois contratorpedeiros por muitos milhões de pesetas... Ainda hoje se fala no rasgo do marquês de Viana e falar-se-á, por certo, durante largo tempo. Um pedaço da quilha destes dois barcos devêria ficar num museu naval.

Depois de alguns momentos consagrados a admirar aquela carcassa enferrujada e corroída pelo tempo, chegámos ás carreiras de construção naval, onde, para contraste, deparámos com os cascos, de chapa moderna, dos novos torpedeiros super-velozes em construção para a Armada espanhola. São os belos e esguios barcos da série «Audaz», o primeiro dos quais já se encontra em acabamento em doca seca. Mais três ficarão lançados á água dentro de duas semanas e os restantes sê-lo-ão ainda este ano. E' uma flotilha magnífica, de 9 unidades modernas, capazes de desempenhar multiplas missões, incluindo a guerra antiaérea e a luta anti-submarina.

Numa carreira já vaga, começou a construção do primeiro grande contratorpedeiro de esquadra, de 2.400 toneladas, da série «Oquendo». Nas carreiras que vão ficar disponíveis construir-se-ão mais 8 contratorpedeiros desta classe, que são pequenos cruzadores ligeiros fortemente armados e de grande valor militar, para os quais já se encontra cortado o material e construída vária aparelhagem.

Numa palavra, enquanto os arsenais de Cartagena e da Carraca construem novos submarinos e novas lanchas-torpedeiras, o Arsenal de Ferrol consagra-se á construção de 18 excelentes unidades—duas flotilhas homogeneas—numa afirmação de trabalho e de recursos sem paralelo em Espanha, nos ultimos tempos. Este país não espera que se definam políticas navais, ainda mais ou menos nebulosas e confusas. Sabe de que necessita a sua Armada para cumprir as tarefas que lhe podem competir e trata, não só de renovar como de ampliar por forma notável a sua Marinha de Guerra, numa política que é para os espanhóis a primeira de todas—a política da Espanha.

Os maiores arsenais navais deste país trabalham para a sua Marinha num conjunto sincronizado e perfeito. A Espanha tem a certeza de que será chamada a desempenhar papel preponderante na defesa do Ocidente e deseia estar preparada. E' esse, de resto, o ambiente do seu meio naval, a atmosfera que se respira na sua esquadra, como se verá num próximo artigo que a esse tema consagraremos.

Por hoje, há apenas que fixar: de Ferrol a Cartagena trabalha-se afanosamente em prol de uma Armada maior, trabalha-se com confiança no futuro, trabalha-se, enfim, para restituir a Espanha á sua tradição naval de muitos séculos.

MAURICIO DE OLIVEIRA

BOB
APRE
AMANHÃ, 30,
N
PALACIO HOTE
NU
PASSAGEM
AS SUAS ULTI
DURANTE O
Por gentilíssima deferência come
ERIC
Preço individual, incluindo o ch
Marcações no Palácio Hotel do E

A entrada do forte militar de Ferrol del Caudillo, que é hoje o primeiro centro naval da Espanha

EM 3 LINHAS

Na Comissão de Coordenação Económica tomaram posse esta tarde os novos vice-presidentes da Junta Nacional dos Produtos Pecuários, dr. Aldovino Pereira Lucas e engenheiro Claudino Sousa e Faro.

///

Deslocou-se a Porto Santo, para sagrar a nova capela da Graça, o bispo do Funchal D. António Pereira Ribeiro.

///

Principia no dia 6 próximo a tradicional e farta feira de S. Mateus, em Viseu, que se prolonga até 5 de Outubro.

///

O mês de Julho foi o mais fraco do ano em exportação de vinho do Porto: menos de 17 milhões de litros, contra 31 milhões de média do 1.º semestre.

O elevador da Bica

volta a funcionar no sábado

O elevador da Bica, que desde o principio deste mês não funcionava, tendo sido removidos os dois carros para reparação e pintura, recomeçará a trabalhar no próximo sabado. Esta manhã, uma camioneta trouxe, cada um de sua vez, os dois carros, que têm estado nas oficinas da Carris, em Santo Amaro. O caso fez juntar muita gente das imediações da popular Calçada da Bica, tendo sido seguida com muita curiosidade a manobra da sua descarga e carrilamento.

O nevoeiro desta manhã

atrasou a chegada de dois aviões

A cidade apareceu esta manhã envolvida por espessa camada de nevoeiro. A zona do aeroporto esteve particularmente coberta, pelo que os aviões das carreiras sueca e brasileira, não puderam aterrar á hora normal, dirigindo-se respectivamente a Madrid e Casablanca. Mais tarde, tendo-se dissipado o nevoeiro, os dois aviões vieram então para Lisboa.

Presidência da Republica

O sr. Presidente da Republica recebeu hoje no Palacio de Belem os srs. ministros das Obras Publicas e do Exercito, e os directores da União dos Gremios dos Lojistas de Lisboa, do Grémio dos Industriais de Panificação, e do Jardim Zoológico.

ONE
NTA
S 17 HORAS
DO ESTORIL
E MODELOS
S CRIAÇÕES
IUSIC-TEA»
rá a «défilée» o ilustre artista
BRAGA
Esc. 30$00.
ril ou pelo telefone Estoril 400

Ao pé dum túmulo

(Continuação da 1.ª página)

longe da tua presença, como filhos sem pai.

Parei junto do moimento de Ana de Montmorancy que há longos anos chora a mortal queda do seu sonho de grandezas humanas fechada a sete chaves, no vazio e no desconforto. Em Paris, com a morte do marechal Pétain, cresceu nas turbas o sentimento de que a justiça dos homens tem os braços atados e o juizo cativo.

Como foi possivel prolongar o cativeiro do heroi para além do leito em que expirou?

Mais cedo ou mais tarde, vai ser necessário desenterrá-lo e fazê-lo atravessar as ruas de Paris, para que as suas ossadas recebam o tributo que merecem. Não se apunhala a virtude como um vulto sem nome que se esconde, numa azinhaga. Jouvet, para que a sua glória brilhasse, sem um ódio ou praga que a manchasse, não foi julgado nem por Herodes nem por Pilatos, pois lhe bastou a justiça espontanea e pura do reconhecimento publico.

O mesmo se passou com o general Leclerc que restituiu Paris e a França ao sentido livre e heroico da existência. As manifestações de que ontem foi alvo, na imponência silenciosa dos que o visitaram no seu tumulo, significam que o Libertador vive, como a sua espada, na aurora imperecivel da Pátria.

Para sabermos morrer, temos de viver á luz do Sol, com a razão e o coração. Olhando, no cemitério de Montmartre, para os montões de rosas e lirios que rodeavam Jouvet, pensem comigo mesmo:

—Este não foi impecável na sua laboriosa e fulgurante carreira, porque alguma vez acalentou no peito os desejos e os sonhos que o amarram ás suas quimeras e ás suas impaciências. Soube, porém, desembaraçar-se das cadeias que o prendiam ás conquistas efémeras, colocando-se, perante a Arte, como Jesus diante das tentações.

Um diário parisiense chamou a Louis Jouvet um «redentor». A expressão é verdadeira, se lhe acrescentarmos o seguinte:

—«... *porque redimiu a tristeza da sua época, ensinando ás multidões a graça e a beleza que jamais se deixam corromper ou perverter.*—*J. M.*

Prof. dr. Manuel R. Pinto

Foi nomeado professor ordinário de Bacteriologia do Instituto de Medicina Tropical o sr. dr. Manuel Reimão da Cunha Pinto, que há pouco prestou brilhantes provas para aquele lugar.

O sr. prof. dr. Manuel R. Pinto vai assim inaugurar no próximo ano lectivo os trabalhos da nova cadeira, criada recentemente pelo sr. ministro do Ultramar no referido estabelecimento de ensino.

CONTINUAMOS A OFERECER...
a possibilidade de comprar barato
OURO-PRATAS-JOIAS-RELOGIOS
BARATEIRO DE S. DOMINGOS
56 — Rua Barros Queirós — 56

10) — VELHAS REPORTAGENS — (Século XVIII)

Um sarau no Palácio das Picôas

e as anedotas e ditos de espírito

entre motes glosados e acordes de rabecas

Aqui se tece uma singela crónica mundana...

Mais um sarau literário e musical no Palácio das Picoas, ás portas da cidade. Ás 7 horas da noite abriram-se os portões do solar do venerando e cortês senhor Fernando Martins Freire de Andrade, morgado da Ribeira do Sado, o qual, como é sabido, foi comandante militar nas campanhas do Roussilon.

A senhora da casa recebe como uma grande dama. Mais nova bastante do que o senhor das Picoas, seu marido, dona Joana Isabel de Forjaz encanta só ao olhá-la. Tem os olhitos garços e um colo de deusa pubere; sem ostentação, dona Joana Isabel é bela. As suas prendas de espírito excedem, porém, a própria graça feminina.

Entramos já o que chamam «outeiro» ia no auge. As berlindas das damas, as sejes, alguns corceis, enchiam o pátio e chegavam até á casa do Provedor-Mor, em S. Sebastião.

Foi o sarau da noite passada um dos mais concorridos deste Outono nas Picoas. Perder-se-ia a crónica na relação dos nomes: nobres, artistas, poetas, académicos, desembargadores, políticos, diplomatas, frades e clérigos. Sobretudo muitas dezenas de damas de estirpe, do sangue ou das letras.

Um «Outeiro»! Versos de improviso a um mote dado! Coisa de ver e de ouvir.

Mulheres, poesia, musica e anedotas! que mais quer esta sociedade aristocrática e letrada, que a nossa Rainha D. Maria I, protectora das artes, se compraz em ver com bons olhos? Não roda a sua berlinda de Queluz até ás Picoas, mas o real confessor Frei Inácio de S. Caetano vem por aqui; justamente o arcebispo de Thessalónica está cá esta noite.

Porque o alongamento da relação prejudica a essência das coisas, omite-se nesta pintura muito dos cenários dos salões e as rubricas, tão graciosas, dos motes dados pelas senhoras D. Isabel Forjaz, D. Catarina de Sousa, Marquesa de Penafiel, Condessa de Sousa, pela velha Condessa de Ficalho, pela Marquesa de Alorna, a quem chamam «Alcippe», e até pela linda e azougada freirinha de Odivelas, Maria do Monte, que a Condessa de Pombeiro tem por hóspede, durante uns dias, em sua casa da Bempostinha.

Pergunta certa senhora
sem pressumir mal algum
se um beijo á sexta-feira
fará perder o jejum.

E foi Nicolau Tolentino quem glosou o mote dado pela madre Maria do Monte. E mais glosaram outros motes o jovem e esgrouviado Bocage, Correia Garção, monsenhor Correia de Sá, o padre Brás da Costa, prior de Sintra, Frei João Jacinto, Curvo Semedo.

Talvez esta crónica fique mais picante do que literária se dermos ouvidos, insinuando-nos pelas salas, a alguns ditos e anedotas, que se repetem nos ajuntamentos dos convidados, algumas das quais vêm já dos saraus anteriores.

Corre bocas este dito da bela Condessa de Pombeiro, a D. Lourenço, mestre-sala do Paço, o qual por ser muito alto lhe tapava a vista:

—Oh senhor Conde. Já que é de Almada passe para a outra banda...

Toda a gente, discretamente, quer ver um cartão de visita que D. Rodrigo de Meneses mostra de certo senhor da côrte estrangeira, ali presente, o qual se intitula: «Camarista e actual conselheiro do defunto Rei da Saxónia».

O Marquês de Angeja e seus irmãos, D. Diogo e D. Caetano, estão a rir como uns perdidos, e a simpática e suave Duquesa de Lafões, D. Henriqueta descobriu a causa: repetem o dito de Miguel Franzini que a alguém que lhe perguntou se o Danubio passava por Veneza, retorquiu: «Quando eu de lá vim, ainda não tinha passado».

Num grupinho, que não inclui damas, há umas risadas frouxas; o filho dos donos da casa, que é deão da igreja patriarcal, acaba de contar ao irreverente Marquês de Angeja, ao Nuncio Bellissoni, ao abade Gramer, capelão de S. Luís, e ao folgazão ex-ministro José Seabra da Silva, o dito de Frei José da Demanda, o qual uma vez prégando num mosteiro de freiras inocentemente exclamou: «Dai-me Mónicas que eu vos darei Agostinhos»...

Agora acorre toda a gente a ouvir Bocage improvisar para a espirituosa Condessa de Pombeiro. E logo o Conde de Rezende lembra que esta fidalga na manhã de ontem, á porta da igreja da Bemposta disse para um taful que lhe pediu um cravo: «leve-o, leve-o, não lhe vá cair a ferradura».

Vai servir-se a merenda, e depois segue-se o sarau musical. Já se ouvem acordes de rabeca. O Marquês de Penalva, sorvendo o seu copito de Alorna velho, e apontando para o alto e bexigoso padre Francisco, prior dos Santos Reis, que é um inveterado jogador de bilhar, segreda á Condessa de Vila Flor: «Este noutro dia, á missa, em vez do «Orate frates», disse resignadamente: «falhei a carambola».

Passou junto do grupo a encantadora Zamparini, com a bochecha cheia de caramelos. Nicolau Tolentino ficou com os olhos pregados nela, e a cantarina perguntou-lhe picaramente se nunca a tinha visto: «De graça, é a primeira vez».

Os saraus das Picoas não deitam a madrugada. E este Novembro vai frio. Ouve-se já o rodar de algumas berlindas.

E a ultima anedota rebola pela escadaria. Foi M. Hort, consul de Inglaterra, muito distraído sempre, que perguntou pelo marido á Marquesa de Tancos, ao que a camareira-mor de Sua Majestade respondeu que «morreu há muitos anos». —«Ah sim? E não ficou com mais nenhum?».

O Outeiro nas Picoas! Saem agora Bocage pelo braço da Marquesa de Alorna. O trocista padre Brás da Costa diz-lhes adeus com os dedos, e prepara-se para montar a sua mula até á granja de Benfica. E trauteia, vendo escoar-se também a Zamparini:

—Ombra adorata! Aspettá!

23 de Novembro de 1779.

O COMPILADOR: N. DE A.

(Os elementos para esta reportagem mundano-literária foram recolhidos quase exclusivamente de «Um outeiro nocturno»; estudo do Marquês de Resende, 1867, e vão por conta deste autor alguns possíveis anacronismos).

A seguir: **»NA COTOVIA DE BAIXO FOI ENFORCADA ESTA MANHÃ ISABEL CLESSE, QUE ATRAIÇOOU E ENVENENOU O MARIDO».**

AO ULTIMO FIGURINO
SALDA
SEDAS E ALGODÕES ESTAMPADOS—ULTIMAS NOVIDADES DA PRESENTE ESTAÇÃO
NO SALÃO DO 1.º ANDAR SALDA VESTIDOS E CONFECÇÕES
20, RUA GARRETT, 24 — LISBOA

VIDA literária

O PRETO NO BRANCO

Campo Santo, em Agosto

(Do Diário de José Maria)

Uma cigarra canta num cipreste. O céu é uma grande fogueira. O Sol parece um conquistador, em pleno triunfo, dominando o azul purissimo do céu. O ar abafa. Só há frescura e sombra lá dentro das pequenas casinhas de pedra e mármore, muito brancas que uma pequena orla de sombra acompanha projectando-se sobre o saibro das ruas bem tratadas. O motivo ornamental dessa renda de sombra é a sombra das cruzes pequenas.

Espreito para dentro das casitas de pedra e recordam-me dois versos do Rostand, num soneto.

«*On dirait q'un départ dont l'instant s'éternise*
Encombre les coulouirs de bagages obelongs».

Só aqui não são os corredores, são as prateleiras. Penso que quando for da Ressurreição o fenómeno há-de começar por cima, pelas alturas, porque estão perto do céu. A não ser que, como os ultimos são os primeiros, comece pela vala comum que corre junto aos muros deste estranho jardim de espécies botanicas *sui generis*, cada uma etiquetada com a sua taboleta.

Não, não estou triste. O tempo encarregou-se de me varrer do espirito as profundas melancolias doutrora. O tempo encarrega-se de tudo. E' como o vento que desfaz as nuvens. Até os pesados *cumulus* da dor e da saudade. E' por isso que eu não acredito nas penas eternas. Com o tempo, ou com a eternidade por sua conta o fogo eterno há-de acabar por ser fresco.

De resto, desde que aqui entrei hoje, sinto-me possuido dum sentimento estranho e inesprimivel. Dantes entrava aqui e, a memória ajudando, sob o acicate da dor próxima e que sangrava ainda, era toda uma nuvem de elegia metafísica, teológica mesmo, que vinha do mais fundo de mim mesmo e me enleava, me dominava até voltar a sair a porta e reentrar na cidade dos vivos. O caso agora é outro. Eu sou um habitante da fronteira. Basta-me um passo para atravessá-la sem necessitar de visto no passaporte. Tenho amigos em Espanha e Portugal. Já não me exigem o bilhete de identidade porque já caducou. O que pergunto é o mesmo que o Nobre perguntava: *saudade, irmão, não na terei também lá pela cova.* E confrange-me a ideia de deixar de ver os que são vivos. «Por pouco tempo, por pouco tempo também»—tranquilisa-me a voz sensata da consciencia. Leio numa lápide:—«aqui jaz Venancio de Matos, saudade eterna da sua Carmen». O Venancio! A espanhola do Venancio! Não sabia que ele tinha morrido. Leio a lápida e elucido-me. Morreu há oito meses. Coitado do Venancio! Era alegre, montava bem a cavalo, bebia muitos *whyskis* durante o dia. Por isso eu vi a Carmen, que ainda hoje é uma esplendida quarentona, num *taxi* com o filho do Magalhães dos leilões, que é muito estupido mas um bonito marialva. Estava a espalhar a «saudade eterna» coitadita!

Pois «passou a fronteira» há oito meses! Descubro entre os ramos do cipreste, não longe da estridula e monótona cigarra, um melro muito negro, com uma vestimenta própria do lugar, uma espécie de *gato pingado* mas que tivesse um bico amarelo e berrante. E o mariola saltita de ramo em ramo. O seu canto é de duas notas agudas assobiadas em dois tempos: *to-ti, to-ti*... Quanto mais eu penso no pobre do Venancio e na esplendida Carmen, mais o melro assobia—*to-ti to-ti*. Como ele ri o maroto, entre tantas *bagages oblongs!* E eu sorrio também—para dentro já se deixa ver—que eu não sou pássaro. O Sol escalda, entontece. A distancia, a larga mancha do rio é uma réplica do azul. Como este sol de Agosto grita a beleza e a força da vida! E' vermelho e ardente como ela. E lembro-me dum poeta que eu amei que disse numa «carta a uma branca saudade»:

«*Cartas vermelhas do sol de Agosto*»

Lembro-me e vou espreitá-lo. Lá está, á larga, num caixão enorme. Chorei quando o acompanhei aqui. Agora penso quase contente: — «não tarda que ainda me leias versos novos». Versos de amor, versos de voluptuosidade... Ah, sol de Agosto, sol de Agosto!

Apetece-me gritar: melro assobia, cigarra canta bebeda de luz e de calor! Sol resplandece e abraza! Vinga estes mortos todos... E se eles, algures, sabem e sentem? Porque não acreditei eu no Santo Graal, no Palácio da Bela Adormecida, nos jardins de Armida?

Talvez sejam depois—quem sabe?—essas lindas coisas. A morte é impensável. Quem tem razão é a cigarra, o meiro, o Sol—e a Carmen do Venancio.

Foi a culpa do sol—que houve um momento em que os vi todos ali, junto de mim—olhos queridos, bocas amadas, gestos que abraçam, risos mortos, vozes que emudeceram mas que tornam...

E sinto vontade de prolongar a ilusão fechando os olhos para que ela seja completa e eu os torne a ver. Insensivelmente, vou andando, saio a porta e mergulho na cidade dos vivos. Fico triste. A maior parte dos que encontro são-me estranhos. Os outros ficaram lá... Mas falta pouco, falta pouco. Vai adiante de mim uma linda rapariga e um rapaz esbelto. São muito novos.

E o corcel negro diz: eu sou a Morte!
Responde o cavaleiro: eu sou o Amor!

Olho-os com ternura e piedade.

Mas piedade porquê? O cavaleiro responde: *Eu sou o Amor!* E atrás de mim fica a cigarra, o melro e o sol de Agosto a dar-lhes razão...

RAMADA CURTO

LER E ESCREVER

1 Recebemos o numero II, do segundo volume, da bela revista «Reconquista», no qual se inserem artigos e escritos do dr. Hipólito Raposo (A crise das crises); Francisco Elias Tejada; Fernando de Aguiar e prof. Marcelo Caetano (A situação actual dos municipios portugueses), etc..

2 Prossegue a publicação da magnifica obra «Portugal na História», sob a direcção literária do ilustre escritor João de Barros.

3 Na Colecção Saber, o novo volume «As Etapas da Geografia»» de René Clozier, tradução portuguesa de N. C.. Nas grandes viagens marítimas no século XVIII quer-nos parecer que, embora haja várias referências aos nossos descobrimentos, não se lhes dá o relevo histórico que a sua importancia transcendente exige.

4 Na colecção policial «O Escaravelho de Ouro», «Rito Mortal», de Anita Blackmon, em tradução de Adolfo Casais Monteiro

5 De Agostinho J. Caramelo: «Drama Intimo», constituído por vários poemas dramáticos. Um, «Mulher», é dedicado á memória de Florbela Espanca.

6 Recebemos «Mistério Magazine», em edição brasileira do Ellery Queen's Mystery Magazine, que contém diversos contos de tipo policial.

MUSA RIBATEJANA

A uva de bagos d'oiro

Vai Agosto adiantado.
Anda o Sol, esbraseado,
a tostar o trigo loiro.
Nos casais de Vila Franca
colhe *o povo* a uva branca,
a uva de bagos d'oiro...

Nessa faina abençoada,
é escolhida, *tosquiada*,
para mais bela ficar;
tudo fazem raparigas,
entre risos e cantigas,
de tesoira a trabalhar...

Há cachos lindos, doirados,
nascidos e bem criados
por encostas *soalheiras*...
A cigarra, descuidada,
canta, em franca desgarrada,
nos ramos das oliveiras...

Os cestos vêm chegando,
e os martelos, *martelando*,
armam caixas, sem cessar;
com suas marcas garridas,
serão expostas e vendidas
nos mercados d'além-mar...

Que trabalhos e canseiras
no amanho das videiras
como a salvar um tesoiro!...
E lá segue, apetitosa,
a *Diagalves* famosa,
a uva de bagos d'oiro...

FAUSTINO DOS REIS SOUSA

OS NOSSOS CONTOS

Mariana

de *Guedes de Amorim*

Mariana estava para sair quando lhe entrou em casa a Germana, a gritar:

—Chegou a minha vez! Chegou a minha vez!

Embora compreendesse logo o que a outra queria dizer, a viuva ainda perguntou a medo:

—Foste despedida também?

—Fui! Só hoje. tivemos onze a mesma sorte.

Ouvindo a Germana lançar imprecações, vomitar pragas e insultos terriveis, Mariana lastimou-a:

—Mas, eles que dizem? Tu bem sabes: por contrato, devem garantir-nos sempre o sustento, a habitação, o auxílio...

Germana explodiu de novo:

—Balelas! Tu ainda és de bom tempo! No escritório, disseram-me que as fábricas dão agora menos quarenta por cento do rendimento. Encheram os cofres, já não precisam de nós,—Claro!—despresam-nos.

Transtornada, despenteada, esbracejou e disse que aquilo não ficaria assim. Ela era uma mulher de colada. Tinha brio, dignidade, e, por isso, saberia vingar-se. Por fim, encarou a colega, para deitar:

—Começaram por mim e outras, as mais velhas, mas não tarda em que o diabo bata, também, á tua porta.

Ainda que aparentemente calma, Mariana ficou, lá por dentro, estarrecida.

Nesse momento, abrindo a porta do quarto interior, apareceu uma garotita, pirralha da altura de um dedo, com um vestido de castorina aos quadrados, e um laço negro no cabelo loiro. Era a filhita de Mariana. Agarrou-se ás saias da mãe, a dizer:

—Mãe... Pronto. Vamos...

Mariana, como a outra lhe perguntasse se ia sair, declarou:

—Vou ao cemitério...

Então, no seu pessimismo crescente, Germana comentou:

—Hum! Viagem, visitar a terra da verdade. meu homem e os meus filhos já lá estão! E a tua...

Fechou a boca, arrependida do mais que ia proferir.

Josefina, a costureira, apareceu á porta por onde havia surgido a pequena. Como tivesse ouvido as duas mulheres, lastimou, também, a Germana:

—Tem paciência. Nada ganhas em gastar palavras...

—Palavras!? Mas não me resta nada mais...

E Germana abalou porta fora, levando consigo a sua tragédia.

Josefina puxou a Julinha e disse:

—Vamos, vamos lá...

Esse era o sétimo domingo em que as três iam á pequena necrópole, visitar a campa de Mateus.

De si para consigo, Mariana pensou que a tarde ameaçava chuva. Seria aborrecido, aborrecidissimo, se isso viesse a suceder.

Entraram, adiante, na estrada que levava ao cemitério. As raras, esqueléticas árvores que se viam dum e doutro lado tremiam, castigadas pelo vento rijo que, de quando em quando passava. Mariana rolhou para as mãos de Josefina, e, no coração, sentiu uma picada de sofrimento. Ela não levava flores para o morto... No domingo anterior, já havia sucedido a mesma coisa... Por descuido, por culpa sua? Sabia perfeitamente que não. A dedicada amizade que Josefina dedicava á memória de Mateus era branca, límpida, sem sombras nem intenções reservadas. Fora ela própria, até, quem lhe lembrara aquelas romagens... Aparecia todos os domingos, logo depois do meio dia, auxiliava-a no arranjo da casa, e empenhava-se em ser ela mesma a vestir a Julinha, com muitos cuidados, muitos carinhos. Porém, havia deixado de trazer flores... Estava-se já no Inverno e, por ali perto, não as havia, realmente. Nos primeiros domingos, o sr. Madureira, um dos directores das fábricas, que morava próximo, num palacete cercado por um bonito jardim, ainda lhe dera uns raminhos. Depois, recusara-se repetir a dádiva. Tivera mesmo este comentário: «As minhas flores são para vivos, não para mortos».

No cemitério, aqui e ali, um pouco por toda a partet, á beira dos tumulos, viam-se homens e mulheres vestidos de preto.

Mariana e Josefina ajoelharam junto da campa rasa de Mateus. A pequenita ficou entre as duas mulheres. Depois Josefina tirou debaixo do chaile um embrulhito, abriu-o — e surgiram três flores de papel: duas vermelhas e uma branca. Deu-as á amiga para as colocar sobre o tumulo. A mãe da pequenita ficou enternecidissima: flores para o seu morto...

As orações das mulheres prolongaram-se por mais de meia hora. A tarde descia, descia num manto de violeta triste. Julinha levantou-se e, inconsciente, foi brincar entre as outras sepulturas. Seguindo-a com a vista, Mariana considerou, dolorosamente, que o campo dos vencidos estava cada vez maior. Antigamente, mais ou menos vinte anos atrás, aquela necrópole—ela lembrava-se perfeitamente—era mui-

(Continua na página seguinte)

Poema da noite

Passeiam-me o pensamento vis serpentes,
Que dedos de chamas tentam esmagar...
Rodopia a vida e, nas suas torrentes,
Trilhos de som rouco deixa no meu ar!

Vem, com teus oceanos, vem, ó noite funda!
Cresce o marulhar dessa doce quietude!
Isola meu ser do lume que o circunda...
Cinge teu abraço na minha acritude!

Fantasmas do meu animo: vinde abrir
Todas as janelas... E que a Vida passe!
Diques e represas: vinde derruir!
Cortinas de frio: batei-me na face!

LEONOR DE ALMEIDA

LIVROS e AUTORES

ENSAIOS

ANTERO VIVO

por Rui Galvão de Carvalho

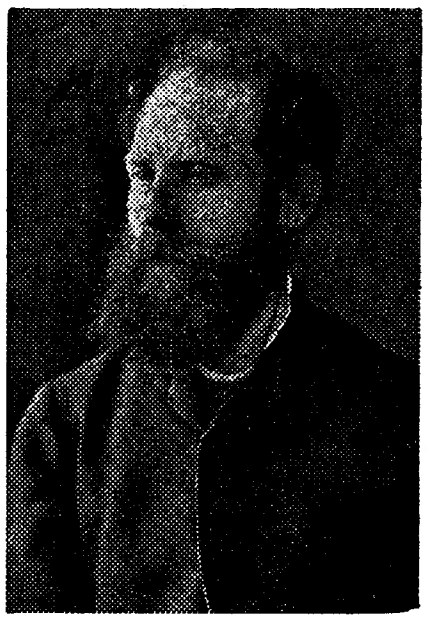
Eis um titulo, que, de facto, corresponde a uma realidade espiritual. A morte de Antero como que tornou, mais vivo, mais presente, mais luminoso o génio admirável. Sentimos que as suas asas de oiro, já voando para o Sol, a fito, como as águias, já rasgando as nuvens sombrias, de uma fantástica noite, sem estrelas, vencem, dominadoras e potentes, os espaços intérminos, por mais fortes e coléricos que sejam os turbilhões do vento. Antero, poeta; Antero, sociologo; Antero, escritor; Antero, filosofo; Antero, crente e descrente; pessimista, niilista, ou budista; Antero suicida—todos eles, afinal, o mesmo, na sua dolorosa verdade humana,—caso, porventura, unico na literatura universal—continua a ser, profundamente, estudado, não, apenas, na sua estrutura intelectual e moral, mas nos seus mais intimos pormenores. Nunca houve alma tão resplandecente de luz e que tão, eloquentemente, se confessasse, na obra —os «Sonetos», são, decerta maneira, um diagnóstico das suas crises espirituais—e, no entanto, há qualquer coisa de fechado, silencioso, taciturno, misterioso nele que não respondeu ainda a todas as interrogativas. E' porventura, isso que alarga, enriquece, quase cotidianamente, a bibliografia anteriana. Não é, propriamente, a sua trajectória filosófica, que nessas duvidas tão perceptiveis a determinadas sensibilidades, está em causa, mas o homem cabal, o seu «eu» psicológico, muito embora tantos dos seus contemporaneos o tivessem conhecido, retratado, e estudado. Literàriamente, sobretudo, Oliveira Martins e Eça de Queirós. Mas na documentação, que eles deixaram, há uma lacuna grave, a mais importante, aquela que, possivelmente, explicaria, definitivamente, o homem (e também o poeta): a crise que o levou á morte. Isolado na ilha, Antero deve ter atingido, pela angustia, o cume do seu génio e, alfim, compreendido-se. O que atrás deixou: os versos, as cartas, os manifestos, são, sem duvida, pegadas de um itinerário espiritual. Mas faltam as ultimas. uma sombra espessa oculta o Poeta. Desaparece no meio de um escuro e espesso nevoeiro. Ele trespassa-o, e encontra a morte, que lhe fecha os olhos, sela os lábios, imobiliza o coração, roubando-lhe assim a ultima revelação á vida. Ninguém viu como foi! A Beatriz, de funerea mão, esperava-o, e Antero sabia-o? Foi um encontro inesperado? Desejou-o?

Há um aspecto íntimo pouco tratado de Antero que, de certa maneira, ajudaria a explicar-nos a sua essência humana. Referimo-nos á sua vida sentimental. Alude Rui Galvão de Carvalho, no seu belo livro de ensaios «Antero vivo», ao «insucesso dos seus amores incompreendidos», e daí «com a morte de pessoas de familia, especialmente, na sua fase pessimista, durante a doença que tanto o atormentou e que em parte lhe diminuiu a responsabilidade moral no seu acto extremo». Mas não encontramos quaisquer outras referências, na rápida e fascinante leitura, que fizemos de «Antero vivo», nem em muitos outros estudos, biografias, ou evocações. Evidentemente, que esse amor (singularizemos) está identificado. Mas pergunta-se: não houve na existência de Antero outras mulheres? E, havendo, qual o grau de afeição sentimental, a sua força inspiradora, as reacções do poeta? Custa a crer que Antero, ao longo de uma existência mais ou menos larga, através de vários meios, tenha, apenas, uma só vez amado! Não tornariam o seu génio torturado e faminto de luz, lacoontico, digamos, de crispações metafísicas e a sua intensa cerebração, inibitória, ou, se não isso, mediocre o seu interesse pelo eterno feminino? Não lhe devoraria o espirito a carne, a alma a matéria? Não quereria ele, figura heroica de bondade, de beleza, de verdade, o amor, verdadeiramente, sublimado, não o encontrando nunca? A ternura que encontrou na mãe, na irmã, nas pupilas, não seria um supletivo do seu lobrego deserto sentimental?

Eis um ponto a considerar, tão interessante como inquietante, ou, pelo menos, assaz singular e pouco explorado.

Bordamos estas ligeiras considerações á margem do valioso livro de Rui Galvão de Carvalho: «Antero vivo». E' uma admirável série de ensaios, em que o poeta surge focado em numerosos aspectos. O autor não apresenta uma tese de interpretação, daí o valor do seu trabalho, que ficará permanente, como apreciação, elucidação e consulta, na vasta obra anteriana. «Antero vivo» lê-se, com sofreguidão. Os seus capitulos são como uma sala de espelhos, onde a egregia figura se reflecte em todas as incidências físicas e espirituais. Vêmo-lo, de facto, «vivo», e daí o singular poder da obra, onde o autor nos impressiona, não só pela admiração que devota a Antero, mas, sobretudo, pela sua cultura apurada, sensivel, e, notavelmente, comentada. Entre outros capitulos destacamos: «A sinceridade de Antero»; «Considerações gerais á margem do suicidio de Antero»; e «Nota brevissima sobre a «Presença» da morte nos «Sonetos», de Antero. Mas muitos outros empolgam o leitor, sedento de penetrar o mistério do grande poeta.

Leiam o jornal «SEMPRE FIXE»



ANTERO DE QUENTAL

HISTORIA

AS GRANDES CORRENTES DA HISTORIA UNIVERSAL (II)

por Jacques Pirenne

Recebemos o II tomo da magnifica obra «As grandes correntes da História Universal», do notavel prof. Jacques Pirenne. Este volume vai desde a expansão muçulmana até aos tratados da Vestefalia. Larga e erudita panoramica do tempo e do homem, onde se focam, sob um aspecto novo, acontecimentos primaciais da história, através de uma erudição, clarificada por uma bela inteligência. «As grandes correntes da Histório Universal» pode considerar-se, pela sua estrutura, a soma de conhecimentos, a visão larga do seu autor, uma obra verdadeiramente fundamental para a cultura. Seguem-se ainda o terceiro e quarto volumes, o primeiro dos quais vai até á Revolução Francesa, e o ultimo, de Agadir a nossos dias.

Cuidada tradução do escritor Adolfo Casais Monteiro. (Cultural Luso-Brasileira).

NOVELAS

DESTINOS NO MAR

por Diniz da Luz

Dinis da Luz

Há almas luminosas, que se elevam, no azul do céu, como estrelas. Dinis da Luz é uma delas. O destino soube elegê-lo para ocupar, entre os homens, uma atitude de bondade, de resgate e de amparo. Mas quantos se ficam, materialmente, por aí, não subindo, pelo seu próprio esforço, até mais alto, até lá acima, onde se perdem já os ruídos do nosso mundo numa ascensão que, podendo ser triunfal, é, por vezes, tão dolorosa e cruciante de sacrifício! Dinis da Luz como que divide a sua alma, entre o céu e a terra. Do seu munus fez um acto de poesia. Converteu-se, totalmente, as boas e as más cousas. sobretudo a estas, que precisam da redenção do seu espírito—transformando a existência numa admirável prece humana. Quantas vezes o encontro por essas ruas, verdadeiro levita, nervoso, diligente, ofegante, tratando dos assuntos mais humildes, daqueles que não cuidam os pretores, velados na redoma de vidro da sua importancia. Nele, o padre é o homem, para sofrer pelos outros, tomando-lhes a dolorosa cruz da existência, Cireneu que sorri, quando os ossos estalam e as mãos a escorrerem sangue, já mal podem com o peso.

—Então, Dinis da Luz, o que anda a fazer?

Pequenino, trefego, responde, com certo embaraço, acanhado de que alguém veja a generosidade do seu belo e luminoso coração.

Mas eu sei que ele é o procurador de todas as requestas dos açorianos, da gente humilde das suas «Ilhas perdidas»—título de um livro de poemas, que há-de publicar—suplicas, pedidos, requerimentos, deferimentos, esperanças, angustias, desejos, tudo pobrezinho, afinal, como o magro humus, que cobre as negras penedias do seu berço atlantico.

Meu caro Dinis da Luz!—deixe passar, sem penitência, este grito epistolar de fraternidade. Você é, como poucos, um homem de boa vontade, e há-de compreender, decerto, a alegria de alguém, que, sem ser Diogenes, de lanterna em punho, gosta de encontrar, no mar tão encapelado da vida, cada vez mais alteroso, nas suas vagas de egoísmo, um escolho duro, acima das ressacas, onde brilhe o foco irradiante de um farol! Luz—que é esperança! Luz—que é salvação! Luz—que é alegria!

De tantas dádivas, que Dinis da Luz tem espalhado, pelo mundo dos homens, este seu livro «Destinos no Mar» é a maior, no seu oiro de talento e de sensibilidade. Há muito que não leio uma obra tão pura, tão comovida, tão enternecida, tão bela! Não são tristes estes «contos e almas», mas tão finos e sentidos, com tais transfigurações de emoção, que alguma coisa fica deles para além da ultima página. Os olhos velam-se, por vezes, amarados de lágrimas e tão intensamente admiramos esta pequena obra-prima da novelistica nacional—e aqui vai um paralelo tão justo, que não é uma imagem, mas uma apreciação formal—que devemos colocá-la ao lado dos «Meus Amores», de Trindade Coelho. «Destinos do Mar», foi para mim uma surpresa. Afinal, eu não conhecia ainda Dinis da Luz! Nesta dispersão contínua em que andamos, aperto de mão aqui, cumprimento ali, na republica das letras, a certa altura, os valores confundem-se, ou, pelo menos, perdem relevo.

Dinis da Luz não é um entre tantos, muito pelo contrário, entre tantos é um alto valor, de singular talento, cujo livro é uma das mais brilhantes revelações dos ultimos tempos. E não se julgue que seja laborioso, recamado de estilo, precioso de assuntos,—defeitos ou qualidades, com que a fatuidade literária se empluma, como os pavões, que não vêem a fealdade dos pés,—mas sim, queremos dizer, humano, simples, tocante, de um doce e suave sentimento, em que o coração tolhendo o passo á inteligência, quase sempre orgulhosa do seu papel, (por vezes, tão mau) escreveu, admiravelmente, enternecidamente, alguns dos contos mais lindos da nossa língua. A convivência de Dinis da Luz com os humildes, o que ele pôs de sentimento lírico nas suas narrativas, as revivescências da sua infancia, são, porventura, os inspirativos superiores desta formosissima obra. Não sei se atraiçoo a sua visão literária, fazendo aqui desfilar aquela pobre mãe, cujos olhos, entre a névoa da sua ilha se vão enevoando de cegueira, e que espera o filho, já perdido, no infinito, que um dia, na sua saudade, chegará de avião, nem aquele pobre rapazito tuberculoso—o autor nunca o diz—que regressa a terra, num barco, bem tratado, mas isolado de todo o convívio, e que não sabe que aquela é a sua melhor viagem, porque é a ultima... Como reproduzir aquele admirável conto «A Canção das Montanhas Rochosas», em que um luso-americano, que se bate lá longe, pede á mãe, um disco com as vozes familiares, e que é ferido mortalmente, «picado no coração» por uma bala, no exacto momento, em que na sua casa a agulha de gramofone, fura, esburaca, o disco de ebonite. E essoutra novela «O sr. Norberto nunca mais foi o mesmo», que é um espelho, onde tantos de nós se reflectem? Que fina, graciosa e humana a pequena história de «O Académico e a Menina», tão original, de travo tão singular, brilhante e lapidada como um brilhante sem jaça- «O Cigarrinho Americano», que tem por protagonista um cego; «A bola brasileira», refulgente, á porta de uma loja, que é todo o enlevo de uma criança, que faz dela o seu sonho, que por ela estudou, trabalhou, sofreu, e quando regressa a casa supõe que a mãe a comprará, na sua impossível miséria! Admirável! Eis uma obra que vale um belo coração, e que deve ser lida por todos, de tal maneira as suas páginas estremecem emotivamente.

Qual o segredo do autor? A sua própria simplicidade e o de ter deixado palpitar a sua alma sobre a realidade, mas sem expressão trágica intencional, ou falsos optimismos cor-de-rosa. A vida—vida, em si própria, um pouco fechada, murada, no cativeiro da ilha açoriana, recoberta de neblinas, como que perdida entre dois continentes, ou noutros pontos do Mundo, mas com uma força admirável—a força do autor que, num golpe de aza, sem o saber, porventura, universalizou uma obra. «Destinos do Mar»—terá, mais tarde, ou mais cedo, esse destino.—*(Portugália)*.

LIVROS DE CRIANÇAS

ANTOLOGIA INFANTIL

por Hortense Cesar

É bastante simpática esta antologia. Ela vem, de facto, se não preencher uma lacuna, ocupar um lugar, entre as histórias de aventuras, de larga e vibrante imaginação, muitas das quais são de origem estrangeira, e a literatura gizada com mais ou menos arte, de estilo cinematográfico, senão de objectivo moralista, para formação de caracteres.

Evidentemente, cada tipo dessa literatura —há mais, que não distinguimos—corresponde a uma idade: a primeira, á criação ficcionista da criança, que se compraz com mundos imaginários; a segunda, á sua exuberancia de acção, e até de visão, que se enleva nos romances galopantes, nos prototipos humanos de belo heroismo e nas atitudes nobilitantes. A criança como que refaz pela leitura este triste e doloroso planeta. Procura nos livros um ideal, que não encontra na vida. Gostaria de ser o Robinson Crusõe, o Tom Mix, ou o Poppey, E' um poeta que se desconhece. Se, pedagogicamente, pudessemos vitalizar esses impulsos, —talvez que a futura humanidade fosse melhor.

Que estas ligeiras palavras sirvam de apresentação a «Antologia Infantil», de Hortense César. Num pequeno, mas esclarecedor prefácio, diz a sr.ª D. Maria Alexandre de Almeida Eusébio: «E' da maior vantagem que as crianças portuguesas tenham sempre bons livros ao seu alcance e vão conhecendo os nossos bons escritores, á medida que o possam fazer. Quando começam a adquirir a sua forma própria de redigir, o contacto com bons autores enriquece o seu vocabulário e os seus conhecimentos, além de lhes dar a melhor lição de português: o conhecimento directo através de uma leitura interessada, de boas páginas da nossa literatura». Já experimentámos ler, a pequenos de 8 e 9 anos, contos de grandes autores e versos de grandes poetas. Notámos, além do seu interesse e apreço pelas obras lidas, o reconhecimento de certas identidades de forma, quer na prosa quer no verso».

Tem razão! O génio é sempre claro e luminoso. A todos se torna inteligível. Não precisa de nuvens para se alcandorar em grandeza, despedindo através delas raios de oiro. Brilha como o Sol, limpidamente, através de um céu puro e rutilante de alegria. O sábio e a criança estão muito próximos um do outro, porque ambos, afinal, são dois criadores: o primeiro, renovando o saber, a segunda, a vida.

Em «Antologia Infantil» a autora Hortense César, depois de explicar aos pequenos leitores o que significa aquele substantivo, apresenta numerosos trechos escolhidos de Guerra Junqueiro, Teófilo Braga, P. Manuel Bernardes, Eça, Julio Dinis, Rebelo da Silva, Trindade Coelho, Alexandre Herculano e um pequeno vocabulário. Cada um desses trechos é uma bela narrativa, um apologo, um facto histórico, um pequenino conto, numa série eleita, em que Portugal perpassa.

Os nossos contos

(Continuação da página anterior)

to pequena, como muito pequenos são os cemitérios das aldeias. Ervedelo, a povoação, ficava então lá baixo, no fundo, onde agora se via o bairro operário. Nesse tempo, o Mateus era um rapazote. Ela, Mariana, como a Josefina e outras, eram ainda raparigas, também. Como todos trabalhavam no campo e no monte. Havia vinte anos... Um dia, vieram uns senhores, vestidos á moda da cidade, compraram terras, aproveitaram as quedas de água e logo se puseram a construir as fábricas. Depois, tudo mudou. Homens e mulheres trocaram a lida rustica pelas máquinas e teares.

Mariana baixou os olhos, uma vez mais, para a terra que cobria o corpo do seu homem. A outra, a seu lado, murmurava orações. Que triste destino o seu! Recordou-se dos protestos da Germana, das operárias que iam despedindo... Voltou a rezar fervorosamente não só por alma do marido, mas também pela sua própria vida, pedindo a protecção de Deus para a sua filhinha...

Por fim, levantaram-se... Julinha veio a correr para junto da mãe. Silenciosas iniciaram o regresso. Segundos depois, Mariana disse:

—Obrigada, Josefina...

Olharam-se. Havia lágrimas nos olhos de uma e de outra. Mariana acrescentou:

—As tuas flores eram bonitas...

Josefina ouviu melancólicamente e confessou:

—Fi-las, a noite passada, com o papel que tinha em casa...

Mariana compreendeu. Pobre e bonita vingança... Josefina, cujas mãos hábeis de costureira faziam maravilhas, havia substituido, com flores artificiais, as flores naturais que o sr. Madureira lhe tinha negado. Abraçou a amiga, levantou-lhe as mãos e, reconhecida, beijou-lhas.

A noite começava a acentuar-se. Lá em baixo, o sector das fábricas era todo um borrão negro. Para o lado de cima, e não muito longe do bairro operário, apenas alvejavam o hospital e a creche. A luz moribunda e religiosa dessa hora era cada vez mais penetrantte de amargura.

Quando chegaram, Josefina beijou a pequena e despediu-se:

—Vou tratar da minha ceia. Até ámanhã.

Mariana entrou em casa com a filha. Teve medo, sem saber porquê, da escuridão que a rodeava. E, então, pela primeira vez, invejou a sorte de Josefina que vivia triste, mas solteira...

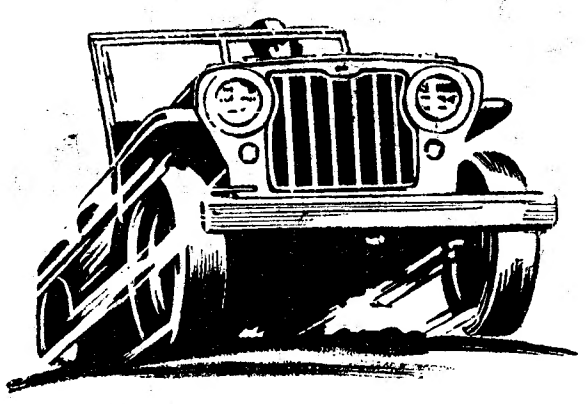
2 DE SETEMBRO
Excursão da C. P. a
Coimbra-Luso-Buçaco--Cruz Alta-Penacova
Preço ... ... 150$00
COMBOIOS RÁPIDOS
Partida da estação de Lisboa-Rossio ás 8-40. Regresso á mesma estação ás 23-40.
—//—
Inscrições nas «Informações» da estação do Rossio (Tels. 33180 e 33185).

Super-Powered Emerson Radio
PORTATEIS, PILHAS E CORRENTE
Distribuidores
COSTA & BRITO, LDA.
R. da Conceição, 35-1.º d.to—LISBOA
A' venda pilhas EVEREADY para renovações.

OPTICA MODERNA

Rua da Conceição, 23
LISBOA
ULTIMOS MODELOS DE AROS PARA ÓCULOS, MICROSCÓPIOS, BINÓCULOS, ETC.
Especializados em receituário médico

VISITE A PRAIA DE TROIA
Serviço combinado com o caminho de ferro
Até 30 de Setembro efectuam-se diáriamente carreiras em lanchas-automoveis entre Setubal e a praia de TROIA.
Adquira o seu bilhete directo nas estações de Lisboa—T. Paço, Barreiro e Montijo.



FINALMENTE!...
DE NOVO À VENDA EM PORTUGAL
O FAMOSO
Jeep
Universal Willys
EM EXPOSIÇÃO:
SOCIEDADE MERCANTIL DE AUTOMOVEIS E ACESSORIOS, LDA.
AV. DUQUE DE LOULÉ, 101-107
LISBOA

Uma casa às 3 pancadas é imperdoável...

Um fato com nódoas mais imperdoável é ainda, sabido que o
CASULO Limpa-Fatos
suprime, depressa e bem, NODOAS, LUSTRO, MAU CHEIRO e TORNA OS FATOS COMO NOVOS e MAIS DURAVEIS. Cada pacote custa apenas 2$50 e dá para 1 litro de soluto
Em todas as drogarias do País
Revenda:
SOC. PORT. DE SABÕES, LD.ª
Rua dos Lusiadas, 29 — Lisboa
Telef. 38232
Rejeitar as imitações, algumas delas com o nome de «Limpa-Fatos» para estabelecer a confusão, mas que não têm nem podem ter a composição do verdadeiro «Casulo Limpa-Fatos». Não encontrando no seu fornecedor habitual, fornecemos o «Casulo Limpa-Fatos» pelo mesmo preço, contra o envio de selos do correio. Também atendemos pedidos pelo telefone. *«O Casulo-Limpa-Fatos não é inflamável.*

DOMINGO, 2 DE SETEMBRO
«Expresso-Popular» a
TOMAR
Preço ... ... 50$00
HORARIO
Partida de Lisboa-R. ás 7-40. Chega a Tomar ás 9-38. Parte de Tomar ás 19-00 e chega a Lisboa-R. ás 20-59.
Inscrições na Secção de Informações de Lisboa-Rossio (Tels. 33 180 e 33 185).

NOVIDADE PARA SENHORA — **CAMISEIROS ESPECIALIZADOS**
BAIXA Príncipe de Gales PREÇOS
PRÍNCIPE DE GALES
RUA AUGUSTA, 234 - 236
APRESENTA DESDE HOJE ATÉ 1 DE SETEMBRO
IMPORTANTES REDUÇÕES DE PREÇOS
DE ARTIGOS PARA SENHORA E HOMEM

WARNER AUTOMOTIVE PARTS DIV. PRODUCTS OF EXPERIENCE AUBURN. IND. U.S.A.
A MAIS PERFEITA CONSTRUÇÃO DE
Engrenagens
CARRETOS
PARA CAIXAS DE VELOCIDADES
GRUPOS CÓNICOS
PARA DIFERENCIAIS
AUTO-LUSITANIA
AV. DA LIBERDADE, 73 A 79 — LISBOA

Companhia Colonial de Navegação
Paquete **«MOUZINHO»**
com escala por **Leixões** e **Funchal**, sairá em 30 de Agosto, para: **S. Vicente, Rio de Janeiro** e **Santos.**

Paquete **«SERPA PINTO»**
escalando em 22 de Setembro **Leixões,** sairá de **Lisboa** em 23 de Setembro, com escala por **Funchal,** para: **S. Vicente, Recife, Salvador, Rio de Janeiro** e **Santos.**

Paquete **«PATRIA»**
sairá em 2 de Outubro, para: **Funchal, S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Cape Town, Lourenço Marques, Beira** e **Moçambique.**

LISBOA - Rua de S. Julião, 63—Telefones 30131 a 30138
PORTO-Rua Infante D. Henrique, 9 — Telefone 23342

Festas da Exaltação da Santa Cruz
em Estremoz
(Nos dias 2, 3 e 4 de Setembro)
Por ocasião destas Festas, a C. P. venderá bilhetes especiais de ida e volta, a preços reduzidos, de diversas procedências, constantes do cartaz afixado nas estações, para Estremoz.
Estes bilhetes que são vendidos para a viagem de ida, de 1 a 4 de Setembro, e que são válidos para a viagem de regresso, de 2 a 5 do mesmo mês, prevêem as reduções de preços de 30% em 1.ª classe e 20% em 3.ª classe, sobre os da Tarifa Geral.

RÁPIDO DO ALGARVE
Venda antecipada de bilhetes na estação de Lisboa-Rossio
Para comodidade do Publico, são vendidos na estação de Lisboa-Rossio para o rápido do Algarve, bilhetes de 1.ª classe aos srs. Passageiros que se destinem ás estações de Faro, Olhão, Tavira, Vila Real de St.º António, Silves, Portimão e Lagos.
A venda de bilhetes principia no 6.º dia anterior áquele em que se deseje começar a viagem e termina na ante-véspera.

CIMENTO SECIL
SECIL
O CIMENTO COM AS MAIORES RESISTENCIAS
Fábrica no Outão — Setúbal
—*—
Lisboa — Rua do Comércio, 56-3.º

DIARIO DE LISBOA

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL Ás 9 HORAS (T. M. G) DE HOJE—Há bom tempo nas Ilhas Britanicas, Bélgica e Norte da França, pela acção conjunta de uma depressão situada sobre a Escócia e um sistema frontal. Em Portugal, há forte nebulosidade, por influência de uma massa de ar bastante humido, vinda de Sudoeste.

PREVISÃO ATÉ ÁS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ—*Tarde e noite de hoje:* céu com algumas nuvens a nublado, vento fraco a moderado de Oeste, temperatura estacionária. *Amanhã:* céu de forte nebulosidade, durante o dia, limpo para a noite. Possibilidades de chuvisco, vento moderado do quadrante Noroeste, com rajadas muito fracas para a tarde, na faixa costeira ocidental. Pequena descida de temperatura.

PROGRAMAS DA RÁDIO

EMISSORA—Ás 18 e 30, Danças; 19, Noticiário; 19 e 5, Musica coral; 19 e 30, Musica ligeira sinfónica; 20, O caso do dia; 20 e 10, Solos de instrumentos; 20 e 30, Noticiário regional; 20 e 35, Cançonetas; 20 e 50, Valsas; 21, Noticiário e desdobramento.

Programa A—Ás 21 e 30, Trechos de óperas; 21 e 45, Concerto pela Orquestra Sinfónica Nacional, dirigida pelo maestro Pedro de Freitas Branco; 22 e 30, Canções; 22 e 45, 2.ª parte do concerto pela Orquestra Sinfónica Nacional; 23 e 50, Resumo noticioso; 0, Encerramento.

Programa B—Ás 21 e 15, Fados e guitarradas; 21 e 30, Cançonetas; 21 e 45, Musica ligeira portuguesa; 22, Musica ligeira sinfónica; 22 e 30, Crónica de um coleccionador de imagens; 22 e 45, Variedades em discos; 23 e 10, Musica de salão; 23 e 25, Danças; 23 e 50, Junção de programas.

RÁDIO CLUBE—Ás 19, Asas; 19 e 30, Cançonetas; 19 e 40, Jornal; 20 e 20, Musica portuguesa; 21, Passatempo; 22 e 30, Trechos recreativos; 22 e 40, Poesia; 23 e 45, Rádio-jornal e amanhã; 0, Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE—Ás 19 e 45, Marcha; 19 e 50, Danças; 20, Semanario Desportivo; 20 e 15, Noticiário; 20 e 20, Preparando novos chefes; 20 e 35, Musica espanhola; 20 e 55, Fecho.

RÁDIO RESTAURAÇÃO—Das 17 ás 19 e 30.

RÁDIO RENASCENÇA—Das 19 e 30 ás 0; juntamente com o Porto, das 19 e 30 ás 22 e 30.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 17 ás 19 e 30, Voz de Lisboa; das 19 e 30 ás 22, Graça; das 22 ás 0, Peninsular.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO E — União—Estrada de Benfica, 592-594 (Tel. 58-092); Aguiar—Estrada de Benfica, 197-199 (Tel. 58-043); Leal de Matos—R. Neves Costa, 33-35 (Carnide) (Tel. 58-181); Central do Lumiar—Rua do Lumiar, 77 (Tel. 79-390); Sanex—Av. da Igreja, 31-C (Bairro de Alvalade) (Tel. 76905; Ascenso—R. 19 (Bairro da Encarnação) (Tel 39816); Baptista—R. Francisco Tomás da Costa. 3-C (Tel. 7 1873); Alcantara—Avenida da Republica, 74-A (Tel. 7 1379); Cosmos—Avenida de João Crisóstomo, 44-C (Tel. 4 0592); Mundial—Largo de D. Estefania, 9 (Tel. 4 5578); Correio de Almeida—Avenida Fontes Pereira de Melo, 13 C (Tel. 4 7385); Lab — Rua de Rodrigo da Fonseca, 101-101-A (Tel. 4 8333); Olivais (Dos)—Rua de Alves Gouveia, 19 (Tel. 3 9837); Marluz—Calçada da Picheleira, 140-A-B Tel. 7 0703); Pinto—Rua de Xabregas, 63-65 (Tel. 3 9185); Cruz de Malta—Largo do Chafariz de Dentro, 36 (Tel. 2 3226); Ziller, Rua Infante D. Henrique, 54-56; João ZXXI—Avenida João XXI, 16-A; Bragança & Nunes — Rua de Angela Pinto, 32 (Tel. 4 9756); Higiénica—Rua de Heliodoro Salgado, 29 (Tel. 5 4361); Martins, H.os—Rua dos Anjos, 41 (Tel. 5 0730); Salutar — Rua B, 75-A-B (Bairro da Liberdade); Castro Fonseca—Rua do 4 de Infantaria, 26 (Tel. 6 2857); Rodrigues & Aires—Rua da Lapa, 52-54 (Tel. 6 2246); Bom Sucesso—Rua da Praia do Bom Sucesso, 2 (Tel. 3 7578); Teles—Rua de João de Barros, 2 (Tel. 3 ; Nogueira—Rua da Creche, 2 (Tel. 2 7591); Carrasco—Rua do Presidente Arriaga, 39; Latina — de S. Bento, 71 (Tel. 6 1165), Mendes & Braga, Ld.ª—Rua da Misericórdia, 133 (Tel. 2 4554); Nacional — Rua do Salitre, 7 (Tel. 4 6858); Frazão—Rua de Eugénio dos Santos, 72 (Tel. 2 8180); Morão—Rua da Assunção, 17-19 (Tel. 2 1289); Barral Rua Aurea, 125 (Tel. 3 1531).

CARTAZ DOS ESPECTACULOS

VARIEDADES—A's 21 e 45—«O Sorriso de Gioconda».
POLITEAMA—Espectáculo a favor do Orfanato Escola Santa Isabel.
TIVOLI—«Quando o amor sorri».
EDEN—«Capitão China».
S. JORGE—«Calunia».
CAPITOLIO—«O Leão de Damasco».
ODEON e PALÁCIO—«Belinda, a escrava do silêncio».
OLIMPIA—«Mansão da loucura.
COLISEU—«Carga da brigada ligeira».
TERRASSE—«O Libertador».
PROMOTORA—«Bailarina da Ópera».
CHAIBY PINHEIRO (Algueirão)—«Fogo».

BOLSA DE LISBOA

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Fundo do Estado			
Consolidado 2 3/4 1. 10	692$	691$	694$
Consolidado 3 % 1. 10	763$	762$	764$
Consolidado 3 1/2 1. 10	882$	881$	883$
Centenários 4 %	1.999$	1.998$	2.000$
Ob. Tesouro 2 1/2-1942	960$	955$	—
Idem 1943	—	945$	—
Idem 1944	—	945$	—
Externas 1.ª série	—	—	1.233$
Externas 1.ª carimbadas	1.233$	1.230$	1.234$
Externas 3.ª série	—	1.360$	1.400$
Externas 3.ª carimbadas	1 360$	1.355$	1.365$
Caut. 3.ª série s/juro...	—	150$	—
Acções			
Esp. St.º Com. L.ª port.	—	3.870$	3.940$
Lisboa e Açores por ...	930$	929$	932$
Ultramarino cp. 1. p...	599$	596$	599$
Portugal port. 1. p. ...	—	1 240$	1.250$
Aguas Lisboa 1934 1.p.	—	150$	—
Cimentos Tejo...	—	—	230$
Cimentos Leiria 1. p....	—	305$	325$
Crédito Predial port. ...	—	15$	16$
Gás Electricidade cupão	141$	141$	142$
Alto Alentejo cupão ...	140$	139$	140$
Portugal e Colónias ...	—	292$	293$
Nac. Navegação 1. p.	—	1.135$	1.150$
Colonial de Navegação	—	895$	920$
Port. de Pesca 1. p. ...	—	1.135$	—
Port. Tabacos cupão ...	357$	356$	358$
Tabacos Portugal cupão	435$	430$	440$
União Eléctrica Port. ...	186$	185$	190$
Cassequel	1.184$	1.183$	1.185$
Agricola das Neves ...	—	970$	—
Agricultura Colonial ...	580$	575$	600$
Buzi	135$	135$	136$
Cabinda...	—	152$	157$
Ilha do Principe	1.200$	1.200$	1.215$
Zamoézia 1. de 25 ...	125$	124$	125$
Moçambique	185$	185$	186$
Electrica das Beiras	—	1 310$	1.350$
Obrigações			
Norte de Portugal 5 %	—	104$	—
União Eléctrica 4 1/2...	—	95$	—

MÁQUINA DE CALCULAR

Arithmos

Um conjunto de precisão mecânica e simplicidade de manejo

SILENCIOSA · RÁPIDA · RESISTENTE

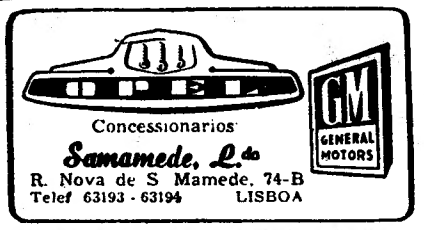
ESTABELECIMENTOS SIDA, LDA.
R. DE S. NICOLAU, 44-48 • TELEFS. 22584 • LISBOA
DISTRIBUIDORES NO NORTE
VIEIRA & SOBRINHO, SUCRS. • LARGO DE S. DOMINGOS, 59 • PORTO

T. S. F.

Compre um **RÁDIO** a seu gosto.
Vendas directas na
CASA MAX
até 24 prestações
Máquinas de Escrever e Fotográficas
2-C, Av. Praia da Vitória, 2-D

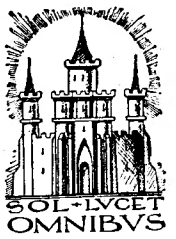
J. BURNAY, LDA. LIBRAS OURO Ouro em barra
RUA DO OURO, 72 — TELEF. 2 1273

POLICLÍNICA DO AREEIRO
Av. Almirante Reis, 236-1.º, D.-T. 71537
Dr. Prado Quintino—Clínica Médica—17,30 h.
Dr. Contente Fernandes—Doenças Pulmonares 2.as, 4.as e 6.as—14,30 h.
Dr. Francisco Catarino—Doen. Crianças—16 h.
Dr. Lobo Antunes—Doen. Nervosas—14 h.
Dr.ª Ilidia Ribeiro—Doen. Senhoras, partos—16 h.
Dr. Artur Pina—Doenças dos olhos—18 h.
Dr. Tito Noronha—Pele e Sifilis—16 h.
Dr. Soares Santa—Boca e Dentes—15 h.
Dr. Fernando Barros—Análises clínicas—10 h
Dr. Idalio d'Oliveira—R. X e Radioterapia—11 h.
Dr. Didio Aguiar—Ultra-som, Extra-curtas, diatermias, Gin. médica—11 h.



Concessionarios
Samamede, L.da
R. Nova de S Mamede, 74-B
Telef 63193 - 63194 LISBOA

COLÉGIO VISCONDE DE CASTELÕES
INSTRUÇÃO Primária e Admissão ao Liceu e ao Ensino Tecnico.
CURSOS Liceal e Comercial.
AULAS Diurnas e Nocturnas.
ALUNOS externos, semi-internos e internos.
INSTALAÇÕES invulgarmente amplas e saudáveis, incluindo: INTERNATO modelar.
Reabriram as matriculas



ESTRADA DAS AMOREIRAS, 4
Junto á Avenida João XXI
Telef 75955 e 39964
A GRANDE ESCOLA DA LISBOA NOVA
PARA O SEXO MASCULINO

Limpeza e restauro de carpetes
V. Ex.ª vai para fora? Aproveite a oportunidade para mandar limpar, restaurar ou tingir as suas tapeçarias.
Consulte os serviços técnicos da
FÁBRICA DE TAPEÇARIAS SULTÃO
Pessoal especializado em Persas e Orientais. Pedidos aos escritórios: R. Sociedade Farmacêutica, 44-B, 2.º—Telef. 45359.
ORCAMENTOS GRÁTIS

Depois do farnel, uma sesta

TERMAS DE MONFORTINHO
ABERTURA EM 10 DE SETEMBRO
Especialmente indicadas para figado, estomago, intestinos, rins, bexiga e pele
HOTEL DA FONTE SANTA (propriedade da Empresa—Tel. 4
Sede: Rua Sá da Bandeira, 574 — PORTO — Telefone 25412

ALBA
RECEPTACULOS POSTAIS DOMICILIARIOS
Práticos na sua montagem, melhor aspecto estético, são os fabricados pelas FABRICAS METALURGICAS ALBA.
A' venda em todas as casas de ferragens, materiais de construção, etc.
Entregas rápidas em grandes quantidades.

Feira anual de Montemór-o-Novo

(No dia 2 de Setembro)

Por ocasião desta Feira, a C. P. venderá bilhetes especiais de ida e volta, a preços reduzidos, de diversas procedências, constantes do cartaz afixado nas estações, para Montemor-o-Novo.

Edith Libbie Mason Soares

FALECEU

Margaret Héléne Libbie Mason Soares e mais familia cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de sua muito querida e chorada Mãe, cujo funeral se realiza amanhã, dia 30, ás 14 horas, da Avenida Marginal, n.º 53, 3.º, esquerdo, para o cemitério de Carnaxide.

RICO
LEILÃO
— DE —
MOBILIARIO E ADORNOS
ULTRA-MODERNO
BONITA MOBILIA DE QUARTO ESTILO INGLES EM NOGUEIRA POLIDA, ESTOFOS, TAPEÇARIAS DE SEDA E PELE, SALA DE JANTAR INGLESA, ESCRITÓRIO D. MARIA, PRATAS CINZELADAS, RICAS CÓMODAS LUIS XV EM PAU SANTO, BONITOS LUSTRES, «CARPETTES», GRAVURAS, CONTADORES, BUFETE, MEZA DE COZINHA, ESQUENTADOR DE DISTRIBUIÇÃO e DIVERSOS que guarnecem as 18 amplas divisões modernas do prédio sito na
Av. Antonio Augusto Aguiar, n.º 165, 1.º, E.
e será vendido pelas maiores ofertas
HOJE, QUARTA-FEIRA, ás 21 HORAS
TRATA ESTA LUXUOSA ALMOEDA A
Agência de Leilões de ERNESTO BENTO JUNIOR
— Telefone 32652 —

Mossadegh é criticado severamente pela sua atitude na questão do petróleo

TEERÃO, 29—O embaixador dos Estados Unidos, dr. Henry Grady, deve visitar hoje o xá da Pérsia, para conversações preliminares, na nova mediação dos Estados Unidos no litígio anglo-persa do petróleo. A audiência realiza-se a pedido do xá, mas o dr. Grady pensara já antes em solicitar-lhe uma entrevista.

Pessoas chegadas á embaixada dos Estados Unidos nesta cidade disseram que o dr. Grady se avistaria também «em breve» com o primeiro-ministro, Mohamed Mossadegh, para conversar com ele sobre possiveis soluções. O dr. Mossadegh declarou hoje aos senadores que não poderia assistir a uma sessão da Camara Alta, na qual muitos membros tencionavam discutir a sua política na questão do petróleo. Segundo fontes geralmente fidedignas, o primeiro-ministro dissera que estava «muito doente». Muitos senadores tencionavam interpetá-lo por terem sido suspensas as conversações, o que afirmam ser uma contravenção do voto de confiança que lhe fora concedido na quarta-feira passada.

Alguns senadores tencionavam, também, criticar a escolha de «peritos petrolíferos» do dr. Mossadegh. Afirma-se que, num dos casos, um perito do petróleo era um engenheiro electricista.

Os senadores desejavam, tamzém, perguntar ao dr. Mossadegh como é que tencionava continuar a governar o país sem a receita do petróleo e pedir-lhe que expusesse a sua política quanto ao petróleo.—(Reuter).

Mais 3 pessoas atacadas de «febre ardente» por comerem pão envenenado

PONT SAINT ESPRIT, 29 — Foram atacadas mais três pessoas pela «febre ardente», elevando-se a 32 o numero das vitimas do pão envenenado que actualmente se encontram em estado grave no hospital.

O dr. Pierre Ollion, inspector-geral do Ministério da Saude, encontra-se aqui, assim como os agentes superiores franceses de investigação criminal. Inspectores da Polícia, depois de terem reduzido as suas investigações a dois moleiros, estão agora a averiguar quais foram as companhias de transporte que podem ter trazido a farinha para a aldeia.

Embora os especialistas tenham avisado que poderão ser necessários alguns dias para se determinar com exactidão o elemento tóxico, o Conselho Municipal de Pont Saint Esprit enviou um ofício ao prefeito do departamento do Gard «a protestar contra a lentidão do inquérito oficial» e a pedir «solução rápida de um caso que tem provocado muito receio e pesar». —(Reuter).

Um verdadeiro assombro!

Pão, Vinho, Sopa, Peixe, Carne e Fruta ou Doce ou Queijo: apenas 22$00, no Restaurante Clementina. R. Jardim do Regedor, 37, 1.º, com todas as janelas para os Restauradores.

SAPATARIA CONTENTE
RUA St.ª JUSTA, 108/09
GRANDE SALDO
de sapatos para Senhora, Homem e Criança

Ridgway está disposto a reatar as negociações mas rejeitou o pedido para novas investigações acerca do «bombardeamento» de Kaesong

TOQUIO, 28. — O general Ridgway enviou uma mensagem aos generais Kim Il Sung e Peng Teh Huai, declarando estar disposto a enviar representantes seus para um encontro com representantes do comando comunista, com vista ao recomeço das negociações de armistício, mas rejeitando o pedido para uma nova investigação sobre o alegado lançamento de bombas na zona neutral de Kaesong por aviões da O. N. U., que «apenas poderia servir para tornar maior um atraso impossível de justificar».

A mensagem de Ridgway aos generais Kim Il Sung e Peng Teh Huai diz o seguinte: «Recebemos a vossa mensagem de 28 de Agosto. Na noite de 22 de Agosto o coronel Chang não quis aceitar a proposta do meu oficial de ligação no sentido de se continuar o inquérito em pleno dia. A oferta que presentemente fazeis, de se proceder a novo inquérito, depois deste lapso de tempo, apenas poderia servir para prolongar este atraso, que nada justifica, nas negociações de armistício. Conforme afirmei na minha mensagem de 25 de Agosto, quando estiverdes prontos a pôr termo á suspensão nas negociações anunciada no dia 23 de Agosto, enviarei os meus representantes ao encontro dos vossos com vista a procurar conseguir um acordo de armistício razoável.

Esta mensagem foi entregue ás 9 e 30 aos oficiais de ligação comunistas pelos oficiais aliados.—(F. P. e R.).

Uma declaração do G. Q. G.

TÓQUIO, 29. — Numa declaração distribuida hoje pelo G. Q. G. americano de Tóquio, diz-se que de nada serviria proceder-se a novas investigações relacionadas com as acusações comunistas de bombardeamento da zona neutra de Kaesong por aviões aliados. Há notícias de que, na noite de 22 do corrente, os comunistas prepararam um cenário destinado a fazer crer num ataque por aviões da O. N. U.. Oficiais deste organismo observaram as provas apresentadas e denunciaram-nas como falsificadas. Os comunistas não autorizaram os oficiais de ligação aliados a continuarem as investigações á luz do dia. Como desde então tenham passado seis dias, alega o G. Q. G., teria sido facilmente possivel modificar as supostas «provas», melhorando o cenário de Kaesong.

O inquérito ordenado pelo comando das Nações Unidas, prossegue a declaração, conclui que nenhuma força do comando dos diversos chefes de unidade da O. N. U. interveio no incidente. Dizendo que o comando da O. N. U. continua a estudar com toda a atenção devida os relatórios de violações do acordo, o G. Q. G. afirma que, no entanto, esse comando está persuadido de que nada teria a ganhar de um inquérito suplementar de que só resultaria a prolongação da suspensão das conversações.—(F. P.).

Fortes ataques comunistas

TÓQUIO, 29.—No momento em que se começam a dissipar as esperanças de armistício, na Coreia, os comunistas atacaram de novo fortemente, hoje, as linhas aliadas. Pouco antes da entrega da mensagem de Ridgway, lançaram seis contra-ataques contra as linhas das Nações Unidas, ao Norte e Noroeste de Yanggu. A' meia-noite, tinham sido todos repelidos, mas os comunistas deslocaram a pressão para Nordeste de Yanggu e Noroeste de Kaesong. Grandes canhões navais entraram em acção para auxiliar as tropas das Nações Unidas a repelir dois ataques, a Oeste de Kaesong.

Bombardeiros das Nações Unidas mantiveram os seus ataques a objectivos inimigos, na área de Pyongyang, capital norte-coreana, a noite passada, e aviões de «incursão» atacaram estradas do rio Yalu para o Sul, junto á fronteira da Manchuria. Afirmaram ter destruído ou avariado 620 camiões e outros veículos.—(Reuter).

O paquete "Delmar" continua encalhado no Recife

RIO DE JANEIRO, 29.—Segundo notícias aqui recebidas, tempestades e tubarões impediram ontem que rebocadores de salvamento atingissem o paquete de luxo americano «Delmar», de 10.074 toneladas, encalhado num banco de areia, no porto do Recife. Noticiou-se que os 90 passageiros que se encontram a bordo do «Delmar» manifestam serenidade, apesar da agitação do mar e dos tubarões que andam á volta do navio. O «Delmar», pertencente á Delta Line americana, encalhou na segunda-feira, ao entrar no porto. Anunciou-se ontem que estava a meter água, com óleo a sair da proa.

Outro navio, «El Gaucho», argentino, de 6.917 toneladas, ainda está encalhado nos rochedos do Recife e a sua situação é mais grave do que a do «Delmar». Diz-se que a sua carga de milho, trigo e café, para a Europa, será lançada ao mar, por não se poderem aproximar barcos para a retirar.—(Reuter).

PALAVRAS PARA QUÊ ?

DENTES COMO ESTES

SÓ COM PASTA MEDICINAL COUTO

CONTRA AS DOENÇAS DA BOCA

Viver é combater
combater é viver.
A **Grande Ourivesaria da Moda** combate e vive, mas com lealdade.
Rua da Prata, 257

Morreu o marujo dos cigarros «Navy Cut»

BRIGHTON (Inglaterra), 29.—Morreu hoje nesta cidade um homem cujo retrato tem andado nas algibeiras de milhões de pessoas, em todo o Mundo, e era afinal um desconhecido.

O homem de que se trata era o marinheiro Thomas Huntley Wood, de 83 anos. O seu retrato, tirado em 1897, quando prestava serviço na Marinha britanica, com a barba tradicional, foi adquirido por uma companhia de tabaco e uma reprodução ilustra desde então os pacotes da conhecida marca de cigarros e tabaco «Navy Cut». A companhia pagou-lhe o que ele pediu—2 guinéus e algum tabaco para ele e para os seus camaradas—pela autorização para utilizar o retrato. A firma lembrou-se, também, dele nas suas bodas de prata.—(R.).

Morte dum pintor espanhol

BADAJOZ, 29.—Com 66 anos, faleceu o laureado pintor extremenho Adelardo Covarsi, famoso pelos seus quadros de tipos e paisagens da fronteira hispano-portuguesa. Aos 21 anos de idade, obteve um primeiro prémio na Exposição Nacional de Belas Artes e, em sucessivos certames, em Espanha e no estrangeiro, numerosas medalhas. Escreveu sobre temas de arte e ácerca dos pintores extremenhos Zurbaran e Morales.—(Efe).

Pretende vender as suas joias ou pratas?
Consulte os preços da
Ourivesaria Portugal
Rossio, 122

Um senador americano fala do emprego da bomba atómica e das novas armas

WASHINGTON, 29—O senador Brien McMahon, presidente da Comissão Conjunta Atómica do Congresso, preconizou o emprego da bomba atómica contra a Russia, no caso de invasão soviética da Europa ocidental.

A uma pergunta que lhe foi dirigida, num programa de televisão, sobre se tinham sido armazenadas bombas atómicas, na Europa, para serem utilizadas pelo general Eisenhower, respondeu: «Uma reserva de armas está em posição que julgo segura, para repelir os Russos, se a agressão vier e quando vier. Estou certo de que a nossa reserva de armas está preparada—para ser empregada quando for necessário e se for necessário. Não é segredo que temos estado a fazer grandes experiências para criar armas tácticas, que tanto prometem, para contrabalançar a massa de tropas da União Soviética».

A uma pergunta sobre se se deviam lançar bombas contra os Russos, respondeu: «Para que as estamos a fabricar senão para as utilizar contra aqueles que tentarem despedaçar a nossa civilização?»

O senador McMahon disse julgar que os Russos não tinham feito explodir mais do que uma bomba atómica. Afirmou que era boa política dos Estados Unidos anunciá-la, se os Russos tivessem conseguido segunda explosão. Ora, essa comunicação não fora feita. E acrescentou: «Não creio que a explosão atómica anunciada por Truman tenha sido acidental, destruindo a fábrica. Creio que foi bem sucedida e que os Russos estão a fabricar mais bombas do mesmo tipo».

Sendo-lhe perguntado qual o poder da bomba soviética em comparação com as ultimas bombas americanas, respondeu: «A bomba que os Russos fizeram explodir foi uma arma atómica respeitável—da especie que eu não desejaria ver explodir aqui».—(R.).

Percorreu 3.000 kms. a dorso de camelo e veio morrer a Fez

FEZ, 28—Morreu hoje no hospital desta cidade um peregrino que fez uma viagem de 3.000 quilómetros, a dorso de camelo, para vir do Sul da Tripolitania a um lugar de Marrocos cujas fontes sulfurosas têm grande reputação. A longa e penosa viagem fez perder as forças ao peregrino, que no entanto conseguiu visitar o lugar desejado e regressar a Fez para morrer. O peregrino, recebido em todas as terras do percurso com as maiores honras por viajar num camêlo sagrado da raça dos camêlos do profeta Mahomet, atravessou na sua viagem toda a Africa do Norte, através dos oasis do Sul da Angélia e de Marrocos. Um amigo do morto reconduzirá o camêlo á tribo a que pertence e levará consigo uma garrafa com água das fontes sulfurosas. Os camêlos sagrados são tidos em grande aprêço pelos habitantes destas regiões, que lhes atribuem virtudes especiais. Assim, qualquer mulher estéril que passe sete vezes sob o ventre dum destes animais ficará fecunda, com muito mais probabilidades se o camêlo acariciar a cabeça da suplicante com o focinho.—(F. P.).

Turistas ingleses presos em Gerona por criticarem o regime espanhol

LONDRES, 29 — O representante do Foreign Office declarou esta manhã que o turista inglês Maryyn Lubock, preso em Espanha, há quinze dias, foi restituido á liberdade sob caução e que, até agora, não se verifica qualquer especie de acusação contra ele. Luboock e mais três rapazes ingleses foram detidos em Gerona, Catalunha, por fazerem observações desagradáveis num café, acerca do regime do general Franco. Os três rapazes foram restituidos á liberdade pouco depois, mas não havia notícias de Maryn Luboock. —(France Presse).